

**FRENTE DOS  
ARTISTAS POPULARES  
E INTELECTUAIS  
REVOLUCIONÁRIOS**

REG.  
**BOLETIM  
DA FAPIR**

**N.º 7/ANO II JUNHO/JULHO 78**



em exclusivo  
ARTUR  
SEMEDO  
sem papas  
na língua

**o rei das berlingas  
CONFESSA-SE**

**BENTO DE JESUS CARAÇA visto por Joel Serrão**

**O CASO DOS 5 REALIZADORES DESPEDIDOS  
depõem António Reis, Helder Costa, José Afonso  
Osório Mateus, Pitum e Ricardo Pais**

**CONTRAPONTO TEM DOIS ANOS José M. Nunes**



# BOLETIM DA FAPIR

Nº7/ANO II — JUNHO/JULHO 1978



NÃO QUEREMOS CÁ O TOMÁS!

**1** ENCONTRO NACIONAL DA FAPIR

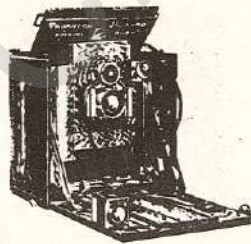
**2** CARTAS



A palavra do leitor

**3** BORDA D'ÁGUA  
Crónica de E. Guerra Carneiro

**4** CONCURSO BOLETIM DA FAPIR DE FOTOGRAFIA



**5** AS RAZÕES DE SER DO CONTRAPONTO  
Por José Manuel Nunes



**6** A DIREITA E O SINDICATO  
Por Antonino Solmer

**7** NOTA BREVE SOBRE BENTO J. CARAÇA O PEDAGOGO  
Por Joel Serrão



**8** O GOVERNO E O ENSINO DAS ARTES PLÁSTICAS  
Por F. Rocha da Silva



**9** REI DAS BERLENGAS CONFESSA-SE  
Por Artur Semedo



**12** O DESENHO DE MANUEL BOTELHO



**14** MARCHINHA  
Por José Mário Branco

**15** O CASO DOS 5 REALIZADORES DESPEDIDOS  
A opinião polémica e o debate de ideias

**19** FAPIR -  
— INFORMA

**ESTÁ TUDO A MEXER**

**23** DESPORTO -  
— ANIMAÇÃO  
Por Tomás Taveira



"Neste momento, em que a situação política é aquela que conhecemos, de revigoração da direita, de traição consumada do Partido Socialista, em que as conquistas de Abril correm o risco de se perderem, é necessário que os cantores políticos assumam uma posição semelhante à que assumiram, antes do 25 de Abril. Que o sectarismo seja combatido! O nosso trabalho de agitação tem de ser encarado muito a sério. Sugiro, portanto, que se realize uma reunião ampla, em que todos esses problemas sejam debatidos e que se comece a trabalhar no terreno da qualidade e da unidade. Propondo que voltemos a intervir nas fábricas, nas Juntas de Freguesia, no campo... Só em conjunto, esse trabalho pode ser realizado!

**ESTAS PALAVRAS FORAM PUBLICADAS NO "DIÁRIO DE LISBOA", DE 25 DE FEVEREIRO DESTE ANO. O SEU AUTOR: ZECA AFONSO. TRÊS MESES PASSARAM POR CIMA DISTO. HOJE, É MAIS ACTUAL. QUE O ENCONTRO NACIONAL DA FAPIR, A 10 E 11 DE JUNHO, DÊ UM CONTRIBUTO (POR MAIS PEQUENO QUE SEJA) PARA A CONCRETIZAÇÃO DESTAS PALAVRAS!**

A FAPIR está a mobilizar todas as suas forças para o Encontro Nacional.

Qual a importância deste Encontro?

O mais importante, nesta realização, parece ser a tentativa de se encerrar um determinado período de actividade da FAPIR, fazendo um indispensável balanço para se poder dar um novo passo em frente. Este balanço surgirá do confronto de experiências diversas e de se ouvirem, atentamente, as necessidades que os nossos activistas sentem de Norte a Sul do país.

O período de actividade que se irá — espera-se — encerrar, significará o fim da prática espontaneísta e correlativo desenvolvimento anárquico que tem sido a tônica fundamental da FAPIR.

Para que isto seja possível, tem de se indicar, como ponto-chave da acção imediata, a planificação táctica e estratégica da criação da Frente Cultural, e a organização das estruturas mínimas, que possam assegurar a execução desse plano.

A primeira questão assenta, portanto, na necessidade inadiável de a FAPIR "arrumar a casa".

a) "Arrumar a casa" é uma boa coisa, mas não chega. A actual dispersão do campo cultural, o isolamento e ausência de contactos em que se encontram artistas, intelectuais e colectivos de acção cultural, reforça o campo reaccionário.

A FAPIR pensa que não há tempo a perder. Lutará para que a unidade de todo este campo — essencial para a Revolução — se estabeleça, no mais curto espaço de tempo.

Primeira pergunta: unidade em torno de quê? A unidade — não confundir com monolitismo — criar-se-á em torno de uma linha cultural e de um correspondente plano de acção concreto.

Essa "linha cultural" está hoje, ainda de uma forma tímida, em elaboração. Para essa elaboração, surge com grande importância o aparecimento da revista cultural "Resposta" e o desenvolvimento do Boletim da FAPIR. Esses dois órgãos, destinados para favorecer a produção cultural e estabelecer a mais ampla comunicação e debate, constituirão, a pouco e pouco, as pedras onde assentarão as grandes "balizas" da linha cultural que tentamos definir.

b) Mas... elaborar uma "linha" também não basta. É preciso ir, já, mais adiante.

É preciso atacar, de frente, as dificuldades que se colocam à produção cultural.

Se o artista ou intelectual não é independente dos circuitos comerciais, se estes circuitos funcionam ao sabor dos interesses políticos ou meramente lucrativos dos seus proprietários, é necessário criar outros.

Criar editoras progressistas, desenvolver as actuais, organizar a distribuição, assegurar o justo pagamento à actividade cultural.

É difícil, dir-se-á.

Mas, alguma vez, se ganha uma batalha, sem dificuldades?



# cartas

Caros camaradas:

A meu ver, o Boletim tem sofrido nítidas melhoras. Gostei realmente dos dois últimos números, não só pelo seu aspecto gráfico, mas também pelo seu conteúdo. Acho bom que o Boletim divulgue a actividade dos grupos (e individuais) aderentes, de forma que isso sirva, não só de mostruário, mas também de exemplo, mostrando a maneira como nós trabalhamos.

No entanto, acho que o Boletim cumprirá melhor o seu papel se transcrever poesia ou literatura de artistas populares, daqueles, que os há, que são nossos aderentes e não ficar por aqueles que já são conhecidos e têm um lugar entre nós.

E para incentivar a criação artística que melhor há do que o Boletim promover uns jogos florais?

E que tal se o Boletim passasse a trazer um roteiro das publicações (livros, discos, etc.) que a FAPIR aconselha? Não se pode ficar por dar só a notícia de que tal ou tal grupo fez este disco ou que tal escreveu aquele livro; sendo possível, é de se dar a opinião que se tem sobre a dita publicação, ou seja, porque é que se aconselha.

São estas ideias que aqui vos deixo.

Um abraço  
José Rodrigues  
Lisboa

Vendo o último Boletim da FAPIR, tenho as seguintes sugestões a apresentar:

— Porque não incluir qualquer coisa sobre música, não só sobre os grupos e artistas incluídos na FAPIR, mas também um estudo sobre as raízes e tradições da música popular e seu papel nas regiões culturais do nosso país.

— Estando a chegar os Santos Populares, seria extremamente interessante, se possível, publicar um estudo a sair em diversos números do Boletim, até à data dos festejos, um estudo sobre as raízes desta tradição lisboeta.

— Ainda outro assunto que não foi focado no Boletim: a banda desenhada. Não só uma análise sob o ponto de vista da Banda Desenhada ligada a uma "CULTURA" alienatória e dominante, mas também como meio de comunicação e educação riquíssimo, que a banda desenhada, pelas suas características gráficas, fornece.

Focar ainda a banda desenhada em Portugal e as experiências de jovens (ex: Visão), não só em publicações periódicas e com requintado aspecto gráfico, mas também os fancines que

sobrevivem graças à vontade de meia dúzia de "carolas". Ligado à banda desenhada está também o filme de animação.

Isabel  
Lisboa



A realização do I Festival da Canção Política, no dia 12, é o pretexto para falar de algumas das questões que se ligam à música e à canção. E também à importância e ao modo de fazer festivais.

Qual deve ser o nosso ponto de vista, em relação ao público? Fazer música de características nacionais e populares? Fazer música ao som e ao tom internacional?

Faço estas perguntas, porque há quem pense das duas maneiras. Quero dizer: há quem pense que, por exemplo, em relação aos jovens, se deve procurar fazer uma música mais concêntrica com a época em que vivemos, uma música moderna, baseada no rock e noutras formas predominantemente anglo-saxónicas, com o fim de conquistar e cativar a juventude. Através desta música que lhes agrada mais, até mesmo dadas as próprias características dos jovens: o sangue na guelra, a alegria, e outras...

Ao mesmo tempo, em contraponto, há quem pense que se deve fazer uma música baseada nas suas raízes populares e nacionais.

Entre estas duas posições, QUE FAZER? (como já perguntou alguém...)

Ora bem:

A cultura não é uma coisa neutra. A música e a canção são manifestações artísticas próprias do Homem e por isso estão ligadas à sua vida. A

propósito, aproveito para repetir umas das conclusões de um encontro sobre o assunto realizado em Moçambique — é que só há duas culturas: uma científica e outra empírica. Tudo isto, para poder dizer, que sou da opinião que devemos optar pela primeira. Isto pode querer dizer que a posição a tomar por um compositor popular deve ser a do estudo da cultura do seu povo, do seu país. O ponto de vista da ciência deve ser o nosso critério de juízo.

Por tudo isto, o facto de uma melodia ficar facilmente no ouvido, e, por isso, passar a ser cantada por muita gente, pode não querer dizer muito, até por que o ritmo é, por exemplo, uma componente essencial para o sucesso de uma música.

A qualidade deve ser o resultado da simbiose entre o estudo e a criatividade do compositor.

Um festival deve promover a qualidade, não é? Senão, é igual ao da Eurovisão!

É necessário que a realização de um festival assente num acordo comum a todos os concorrentes, que aceitam essas regras, por assim dizer. Quero dizer: devem ser esclarecidos claramente os tipos de canções a concorrer, qual o padrão do júri, qual o objectivo, etc., etc...

Se não for assim, qualquer nacional-cançoneteiro pode concorrer, e o que será mais grave, é que pode ganhar, por falta de critério.

Outra coisa importante, neste género de coisas, é a discussão, a crítica, que são coisas que podem ser conseguidas, por exemplo, com declarações de voto.

Há que não distinguir entre canção política e canção popular. Não será a canção popular, política? E o inverso? Depende do estado do compositor. Depende do modo como as características da música se aproximam da música popular, senão não pode intervir!

O Festival da Canção Política, e, ao que consta, um próximo festival da Canção Popular, são boas iniciativas, que não devem ser estranhas às mãos da FAPIR. Senão, teremos representantes da nossa canção... a cantar rock!

Sá Machado, Lisboa





# ORDA D'ÁGUA

de Eduardo Guerra Carneiro \*



Ouço a flauta do amolador de tesouras e navalhas, o rufar dos tambores dos saltimbancos, as palavras cantadas dos vendedores ambulantes, os pregões, os gritos, alguns pássaros em árvores de jardins, o tilintar de um eléctrico. Alto! Ouvirei bem? Escuto de novo — não ouço nada disso.

Ouço a barulheira terrível de buzinas e o escape livre das motas, sirenes, engrenagens mal oleadas, o rosnar surdo de uma multidão a atropelar-se pelas avenidas, a empurrar-se no metro, a acotevelar-se nos saldos, a ensacar nos supermercados. Alto! Ouvirei bem? Escuto de novo — ouço apenas o silêncio.

Ouves o silêncio? É um silêncio pesado composto por mil trovões contidos na garganta; protestos que não saem e quase rebentam a cabeça; punhos erguidos metidos ao bolso; bandeiras que não se desfaldam; multidões que se dispersam. Alto! Estás a ouvir bem? Escuta de novo: ouve o teu País, não ouças apenas por dentro da tua cabeça.

Sim: este é o meu País, a minha Terra. Aqui se viveu o medo e o terror; aqui se viveu a Grande Festa; aqui se vive, dia-a-dia, o silêncio, a descrença, a esperança e a alegria. Aqui se vive e morre; aqui se luta.

Ali está a árvore, seca e nua no Inverno, agora cheia de folhas verdes, a perfumar as noites quentes do Verão que se adivinha; além estão as fábricas, os estaleiros, os escritórios; mais longe os campos, as cooperativas; aqui está a pequena oficina do latorero, a tabacaria, a loja do carpinteiro, a garagem do bate-chapas, esta sala onde escrevo as minhas crónicas. Quem sabe? ! Talvez um violento Verão se avizinha entre o silêncio e os gritos.

Como quem não quer a coisa vou desvendando, entre os intervalos do Poder, os pequenos sinais, sílabas secretas, alguns murmúrios, desenhos ingénuos nas paredes, novo discurso, preparação da Nova Festa. Ouço ao longe — do passado ao futuro — alguém dizer: "A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores".

Transcrevo um texto antigo: "A rainha doida geme e grita na pesada cama ao fundo da alcova. O incêndio invade o palácio. Queluz é um archote a imitar a Bastilha. Jacobinos de barrete frígido destroem a balaustrada e cospem em cima das estátuas dos meninos gordos; damas e nobres rolam pela escadaria dos leões. Da fachada poente, de grossa colonata, saem magarefes, trolhas, grandes mulheres com roupas pretas, as jóias da coroa. O grande canal é um mar de sangue".

E agora sim: sim! Vem ao longe despontando a nova aurora. Limpa-chaminés, com o seu ar de lobisomens, trolhas, grandes mulheres com roupas pretas, as jóias da coroa. O grande canal é um mar de sangue".

E agora sim: sim! Vem ao longe despontando a nova aurora. Limpa-chaminés, com o seu ar de lobisomens, erguem bem alto o pau negro das vassouras; da mó do amolador rebentam chispas de fogo; o ferreiro bate o malho e assopra o fole; o "la minute" dispara o magnésio; o rufar dos tambores do saltimbanco é já som de alegria e de vitória. De Norte a Sul a multidão avança. Como se do exílio viesse e tomasse finalmente conta do seu País, da sua Terra.

\* Poeta e jornalista.

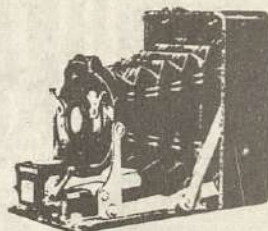


# fotografia

## BOLETIM DA FAPIR

concurso de fotografia

Sob o tema que quiser. Como prémios, assinaturas do Boletim e publicação das fotografias.



**1º PRÉMIO:** Uma assinatura por dois anos, do Boletim e "Resposta" e um exemplar dos últimos discos do GAC e da COMUNA.

**2º PRÉMIO:** Uma assinatura anual do Boletim e "Resposta" e um exemplar do "Olho por Olho", de José Fanha.

**3º PRÉMIO:** Publicação e exposição de fotografias e uma assinatura semestral do Boletim e "Resposta".



### REGULAMENTO DO CONCURSO

1. O concurso é aberto a todos os leitores do Boletim da FAPIR;
2. Não será permitida a participação de elementos ligados ao Boletim, nem de dirigentes da FAPIR;
3. As fichas de inscrição devem ser recortadas do Boletim da FAPIR e enviadas juntamente com as fotografias;
4. O concurso tem duas categorias: amador e profissional; e abrange apenas fotografias a preto e branco;
5. Cada concorrente terá direito a quantas fichas de inscrição desejar;
6. Cada ficha de inscrição dará direito até três fotografias;
7. O participante deverá enviar as fotografias nos "negativos" originais; e, nos "originais" deverá ser assinalado o lado correcto para a revelação;
8. As fotografias têm de ser inéditas, isto é, não previamente publicadas em revistas ou jornais;
9. O nome do fotógrafo deverá constar nos rebordos do "negativo";
10. A classificação das fotografias será feita por um júri constituído por um artista plástico, um fotógrafo, um jornalista e um elemento do Secretariado Nacional da FAPIR;
11. A decisão do júri é soberana e irrecorrível;
12. O Boletim da FAPIR reserva-se o direito de utilização futura das fotografias para possíveis e eventuais exposições em Portugal e no exterior;
13. O prazo máximo de recepção das fotografias é até 30 de Setembro de 1978.

Obs.: acondicione bem os seus negativos, utilizando papelão protector, não se esquecendo de identificar a fotografia e de preencher correctamente todos os elementos da ficha de inscrição. Envie para CONCURSO BOLETIM DA FAPIR DE FOTOGRAFIA - Av. Alexandre Herculano, 55, LISBOA 2

## concurso de fotografia BOLETIM DA FAPIR

(preencha este formulário com maiúsculas)

CATEGORIA: AMADOR  PROFISSIONAL

TÍTULO DA FOTOGRAFIA .....

MÁQUINA UTILIZADA .....

FILME UTILIZADO .....

TÍTULO DA FOTOGRAFIA .....

MÁQUINA UTILIZADA .....

FILME UTILIZADO .....

TÍTULO DA FOTOGRAFIA .....

MÁQUINA UTILIZADA .....

FILME UTILIZADO .....

NOME .....

IDADE .....

MORADA .....

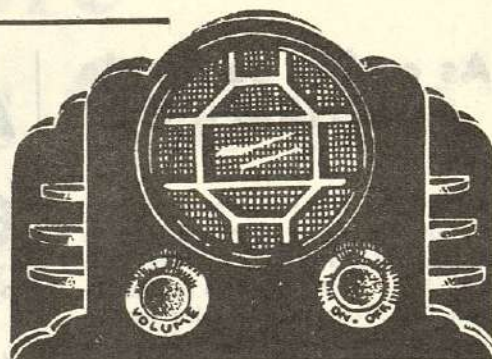
TELEFONE .....

ASSINATURA .....

DATA / / .....



# As razões de ser do CONTRAPONTO



por José Manuel Nunes\*

Estaria mais à vontade se, em vez de me terem sido "encomendadas" umas linhas sobre o CONTRAPONTO me tivessem sugerido umas banalidades sobre Rádio. Apesar disso, não deixa de ser agradável sentir a existência de alguma curiosidade por um trabalho em que me integro. Mesmo assim, gostaria que dessem o devido desconto a eventuais manifestações paternais, dificilmente evitáveis nestas circunstâncias de observador-observado.

Feito este aviso-introdução, é lícito que se diga que o CONTRAPONTO nasceu há dois anos atrás em 3 de Maio, dia que a História contemporânea consagra, não ao Contraponto, mas ao início da rebelião dos estudantes franceses.

Se cito o Maio de 68 em França, é porque um voluntarismo utópico e um protesto determinado, que nos caracteriza, foram, entre nós, tão bem recebidos, como as manifestações dos estudantes franceses, que seriam um punhado de "juifs-allemands"...

Repare-se que, em Maio de 76, a RDP vivia os seus primeiros passos. Titubeantes, com a hesitação compreensível de profissionais saídos de uma experiência dura, como foi o 25 de Novembro, seja ele visto de um lado ou de outro. O CONTRAPONTO foi, circunstancialmente, o agitador voluntarista de uma situação, que era necessário ultrapassar. Que pretendia então uma pequena equipa de profissionais, pouco profissionalizados então, ao projectar o CONTRAPONTO? Como o nome intencionalmente indicava, tratava-se de encontrar uma fórmula, que respondesse à imperiosa necessidade de uma alternativa de análise aos acontecimentos sociais, políticos, culturais e económicos, que deixasse, para trás, a tentação de criação de meros "yes-men". Tratava-se então, de contrapor à informação do mais forte a voz do mais fraco, em pé de igualdade. Exercer, por outras palavras, o "pluralismo activo ou dialogante" e não enfileirar na tendência para a passividade sensaborona. Para além disso, esse "pluralismo activo" deveria descomplexadamente fazer-se globalmente e não ao minuto. Esta tese fundamentar-se-ia em dois motivos, quanto a nós pertinentes. O primeiro justificava o pluralismo global, pela necessidade de manter um equilíbrio geral na comunicação de todo o Canal 1, enquanto o segundo motivo era justificado pelo

argumento que, de forma global, no conjunto das suas emissões, o CONTRAPONTO garantiria o tão almejado, como subjectivo, equilíbrio. No fim de contas, lembrar quotidianamente, que a RDP é uma empresa pública independente dos poderes políticos e económicos, pormenor que se verificava na radiodifusão, pela primeira vez, da sua história lusitana.

Dar a voz ao mais fraco e ao menos protegido, significa que vamos encontrar pela frente vastos grupos sociais, a quem o Estado Novo sonou o acesso à Educação. Ou seja, quem, por si só, não consegue articular frequentemente a defesa dos seus direitos e aspirações. Falando claro, pretendemos ser os "advogados" dos mais desprotegidos, passe o aparente paternalismo, ou seja, manter na antena as razões do proletariado, perante os argumentos, sempre bem "oleados", dos que têm advogado (sem aspas). Isto, pela simples razão de que pensamos que a Democracia política, formalmente instituída, não ter ainda correspondente nos campos económico, cultural e social. Em Democracia política, aos argumentos, responde-se com argumentos, é a razão constitucional que deve prevalecer, ou pelo menos, que deveria prevalecer. Acontece que pensamos, igualmente, que, para este mecanismo funcionar, é necessário dispôr de instrumentos de defesa, e isso nem sempre, como dissemos, se verifica, já que fazer greve ou poder fazê-la, não é tudo.

Se bem que não fosse inédito, era este um dos pressupostos da filosofia do CONTRAPONTO. Pensamos, como muitos outros homens de progresso, que a Comunicação Social tem, como funções políticas, o controlo, a crítica, a informação e a articulação social.

Somos assim adeptos das teorias do "quarto-poder" ou do "contra-poder", que decorrem das funções atrás

enunciadas da Comunicação Política, em quadros institucionais representativos. Esta convicção é reforçada, pelo facto de a RDP, como empresa pública e fornecedora, estatutariamente, de um serviço público, dever ser controlada pelos seus destinatários e simultaneamente subscritores, o que tem, por consequência, a destruição do "espírito da Emissora Nacional", como emanção directa do Poder.

É esta uma das regras do sistema político em que vivemos e que tem de ser defendido dos esquecimentos e omissões, apesar da engrenagem jurídica preferencial o Poder nos órgãos estatutários da empresa. E não se pode esquecer este princípio, que é uma conquista de Abril, pois, independentemente da natureza do Poder, o controlo da Comunicação Social corresponde tendencialmente ao controlo da Sociedade, como bem nos lembramos.

Voltando ao CONTRAPONTO parece-nos ser, para além da sua filosofia, o pormenor mais importante a reter, o seu aspecto de organização interna. O projecto de Rádio que defendemos, não se radica, apenas, no enunciado teórico de princípios de comunicação, mas fortalece-se ou continua-se nas normas de organização estrutural, pois a dialéctica entre a teoria e a prática é um dos aspectos que mais cuidamos.

Organizamo-nos em equipe, não apenas pela Rádio ser um processo de criação colectiva, que implica a movimentação de vários recursos simultaneamente (a escrita, a palavra, o som e o silêncio, o estúdio de gravação, como a reportagem, o disco e o locutor, etc). Organizamo-nos em equipe, porque, para além da complementaridade das tarefas meramente técnicas, entendemos que a polivalência obtida por um grupo determinado de pessoas, que progressivamente se especializam em grupos de temas, nos permite responder, como grupo, às solicitações de quem necessita pôr, em antena, os seus problemas. Cria-se, dessa forma, uma imagem concreta, de quem somos, facilitando ao ouvinte ou ao utilizador, dispor de um quadro referencial perfeitamente

\* Jornalista e realizador de rádio.



## As razões de ser do CONTRAPONTO

identificado, o que não se verificaria, de outra forma. A RDP, embora haja tendências opostas, não pode ter uma opinião, e muito menos a do seu Director de Programas (seja ele quem seja), mas deve ser uma conjunto de opiniões (diferentes, contrastantes, opostas até). Daí que se aponte frequentemente ao **CONTRAPONTO** pretender ser uma ilha, separada da "realidade RDP". Esta tendência homogenizante é perigosa. Perigosa, mas sentida. E o facto é que sentindo esse risco, existe hoje a vontade, apesar de alguns contratempos (antónimo de Contraponto), de fortalecer outras equipas.

Vistas as coisas, pelo seu lado prático, a organização em equipas de realização, permite ultrapassar as pesadas cadeias de burocracia herdadas, preservadas, e às vezes até fortalecidas, da ex-EN. Pelo lado político, pode dizer-se que, se se reforça a independência do jornalista, que cria, na equipa, o espaço de criação ambicionado e foge-se, igualmente, às pressões do "Bunker" da ex-EN, em bloco tradicional, numa empresa tão marcada pelo Estado Novo, que tenta centralizar para homogenizar, tentativa esta prevalecte em qualquer latitude, em qualquer RDP do globo e justificada pelo slogan duvidoso: Ordnung mub sein...

Evitando pormenores de carácter técnico de gestão, acrescentaríamos que, dois anos após o início de uma experiência de elevada estabilidade interna, de coesão, de realização profissional, temos, para mostrar, a quem deseje, as provas reais do rendimento de tal experiência. E, se não, em termos qualitativos, em termos quantitativos, pois estamos certos de que a minutagem produzida, desculpem o tecnicismo, não tem paralelo com outras formas de organização. Igualmente, respondemos pelo número de pessoas, que pomos, diariamente, em antena, que demonstram os princípios, que enunciamos de emissão, que articula socialmente os pontos de vista mais diversos e que nos fazem concluir que ninguém de boa fé nos pode acusar de querer deter a antena, de querer fazer dela uma ilha, um feudo, uma capelinha. Gostaríamos que houvesse muitas ilhas como a nossa. Que isto não cheire a separatismo, pois poderíamos discorrer sobre as tendências organizacionais da rádio europeia, que seguimos, com a atenção possível.

Agora, que fizemos dois anos, resta-nos esperar que não façamos muitos mais, já que, como se costuma dizer, nestas ocasiões, temos muitos projectos para o futuro...

# A direita e o sindicato

por Antonino Solmer \*

Assim que o movimento libertador, gerado a partir do 25 de Abril, tomou corpo, ganhou o Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, como todos os outros sindicatos, uma nova dinâmica. De título capitular das folhas pardas do corporativismo, passou a local de encontro, de debate, de procura de defesa, para novos e velhos trabalhadores, ali congregados. Uns há muito, outros só porque, depois do 25 de Abril, ali os deixaram entrar, ou porque só, nessa altura, encontraram motivações bastantes para ali entrarem.

A evolução da situação política portuguesa levou a massa sindical, inspirada pela instrumentalização partidária ou pela análise individualista das questões, à divisão em duas grandes partes, tantas quantas os grupos dirigistas mais bem estruturados de "dinamizadores", melhor organizados, porque provindos de quadros partidários ou de sectores da sua confiança.

Fazer a análise do que tem sido o Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, até este momento, seria dissecar uma classe profissional, cuja importância reside no facto de comunicar com as massas, através do espectáculo, catalogar os seus elementos: os que, no anterior regime, foram reconhecidos, os que apesar disso o foram, os protegidos, os exilados, etc... Seria desvendar a mafia com as suas (poucas) famílias empresariais, as suas vedetas — capatazes, os secretários, a exploração da serventia, a fraude, com ou sem as benesses do Estado Novo. Seria descobrir que, agora, para além dos partidos, dos grupos dirigistas, dos independentes, também as "tricas" pessoais, próprias do sistema de tantos anos, jogam na grande confrontação de fundo, que se chama luta de classes.

Duas facções. Mais ou menos correctamente, uma esquerda e uma direita. Apesar de tudo, as eleições, para a esquerda.

Apenas dois sectores (TÉCNICOS E BAILADO) possuíam ACTs, feitos ou reformulados, após 25 de Abril. Para estes e para os outros (CIRCO, TEATRO, VARIEDADES, ADMINISTRATIVOS, PLÁSTICOS) lançou a direcção uma proposta de CCT. O primeiro CCT na vida do Sindicato. O primeiro documento específico, para defesa dos profissionais do espectáculo em Portugal.

As discussões primaram pela ausên-

cia da facção direita, que atacou por outras vias. A de efeitos mais espectaculares. As demissões. Um primeiro documento, contendo cento e tantas demissões, lança o primeiro ataque. Depois, seguem-se outras, aqui e ali, rebuscadas. As 235, até aqui conseguidas, estão longe ainda de perfazer o necessário para a formação do Sindicato paralelo, da facção direita.

Na fúria de quantidade, há os que se demitem do Sindicato, sem nunca lá terem pertencido e os que procuram, junto da Direcção actual, explicar que a sua demissão foi pressionada.

Sem fúrias de qualidade, o pretenso novo Sindicato conta com uma larga percentagem de trabalhadores, que dele necessitam, porque ganham mais de 30 contos mensais. Uns "bem colocados na vida" deste país, uns "bem vistos" pelo patronato, uns neo-patrões potenciais já bem encaminhados em forma de cacique, o que explica uma percentagem de desfavorecidos na lista dos dissidentes.

E é aqui precisamente (como não podia deixar de ser) que reside a diferença entre as perspectivas das duas facções: enquanto uma luta por um CCT, que garanta vencimentos mínimos (que vão de 4 500\$00 a 18 000\$00) a outra pretende tornar "mais realistas" estas e outras reivindicações (ou delapidações, palavra que em outras circunstâncias lhes tem servido a estratégia de defesa de um bolo, cuja maior parte lhes está destinado) e ainda pôr em causa outras questões que, mascaradas de feição puramente política, servem afinal (como não podia deixar de ser) o seu combate económico. Tal aconteceu, por exemplo, com o levantar da lebre da INTER-CGTP, a que o Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo se associou, de um modo que consideraram abusivo. Apesar do Tribunal lhes ter dado razão, o abandono das fileiras sindicais é a prova de que não é aí, no terreno ideológico, que a sua atenção se concentra, mas sim no lucro imediato, escudado por umas quantas ideias.

Enquanto isto, a ideia de que o Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo pouco ou nada fez pelos

continua na pág. 22

\* Actor.



# Nota breve sobre Bento de Jesus Caraça o pedagogo

por Joel Serrão\*

A meus olhos, ensinados pelo tempo que esclarece mas devora, o aspecto dominante da personalidade de Bento de Jesus Caraça foi o de pedagogo. Cautelosamente, escrevi "pedagogo" e não "pedagogista" ou "professor".

Não sei, nem pretendo saber, nem me caberia pronunciar sobre isso, se ele foi ou não um grande matemático da estirpe daqueles que abrem novos caminhos do saber, a partir do que, com diligência, se hauriu.

A verdade é que a capacidade de criar ciência ou filosofia ou arte é uma coisa, e outra a de, como pedagogo, abrir os caminhos certos, para que a criação, própria ou alheia, seja possível, agora ou no futuro. Claro está que podem coincidir, numa mesma pessoa, o que, aliás, é muito raro, os dons do criador e do pedagogo, não especificando, por agora, o que haja — e há — de criação re-criadora na tarefa pedagógica plenamente assumida.

Como pedagogo, pois, se me desenha a personalidade singular do Bento de Jesus Caraça que conheci e admirei. Esse mestre competente de cujo saber e de cuja diligência ninguém podia duvidar; esse homem rigoroso consigo e, por amor, com os outros, a quem ensinava os segredos do ofício que era o seu.

Sem dúvida alguma, bastaria isto para que o evocássemos com o respeito e a saudade a que a sua memória honrada tem direito. Mas há mais. E é esse "mais" que dele fez o pedagogo que se procura lembrar.

Imagino-o, prolongando, para além dos muros da escola, o ensino, ali tão-somente esboçado: acolhendo, com amor rigoroso, aqueles que buscavam o seu auxílio, incentivando os talentos que descobrira, ou julgara ter descoberto, investindo nos melhores, sem cuidar de dividendos, abrindo caminhos, para além dele próprio, na certeza de que a única coisa importante era o futuro do povo a que pertencia.

Daí, a sua pertinência em tarefas de extensão cultural: lições em "universidades" populares, escritos como A Cultura Integral do Indivíduo, colecções de divulgação como a Biblioteca Cosmos, que dirigiu, procurando pôr ao serviço do povo uma série de livros que visavam abrir os olhos de todos quantos os tinham ainda cerrados para os horizontes do enriquecimento cultural, condição de transformação de si próprios e do País que eram.

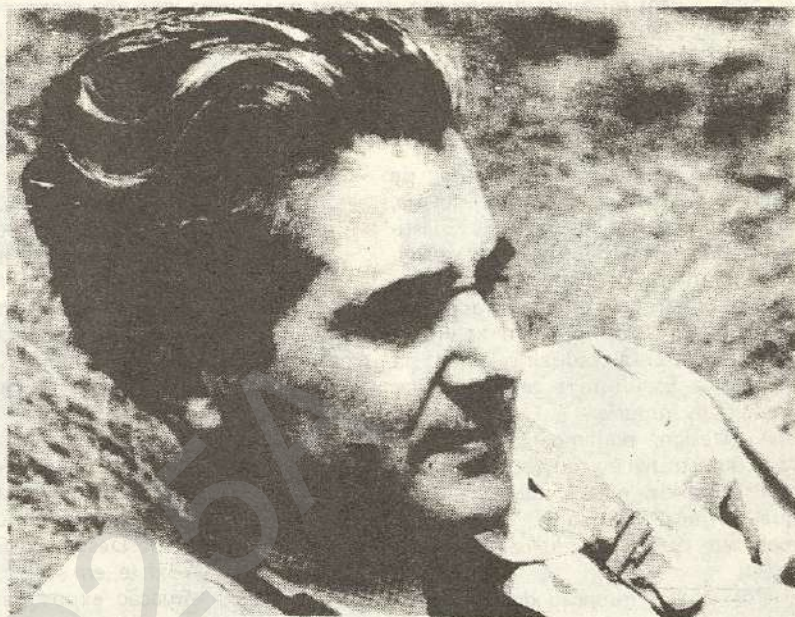
Neste sentido, Bento de Jesus Caraça tentou alargar a Universidade em que oficiava, na certeza de que o escol tinha responsabilidades sociais e morais indeclináveis para com o País real, que urgia transformar, abrindo a cada português a viabilidade de partir em busca de si mesmo, até aos limites das suas virtualidades.

Morreu, bem novo ainda, quase no início da jornada que se propusera, como que vencido, a título pessoal, pelo peso — o enorme peso — das dificuldades a vencer. Marginalizado, senão destruído, pelo "sistema", dele me dizia alguém, aquando da sua morte: "Poderemos imaginar o que seria o nosso País se, em vez de um, houvesse muitos Caraça?"

Poderemos, na verdade, imaginá-lo? Poder, pode — mas seria difícil não navegarmos de velas enfunadas para a ucrónica terra das mansas utopias nacionais...

Contentemo-nos, por ora, com o blá-blá de tantos e com os discretos (tão discretos) e eficientes (tão eficientes) préstimos do FMI.

"Contentarmo-nos" é, afinal, um modo bem enviesado de dizer-se, na peugada de Hegel, que "a ideia não tem pressa". Pressa têm-na aqueles contra os quais Bento de Jesus Caraça lutou.



Maio de 1978

\* Historiador, filósofo, professor, figura eminente da cultura portuguesa.



## O GOVERNO E O ENSINO DAS ARTES PLÁSTICAS

por Filipe Rocha da Silva

É sabido que o Fundo Monetário Internacional tem planos para Portugal, bastante claros, no que diz respeito ao Ensino: uma política geral de "restrição de despesas" que, no Ensino Superior, tem encontrado expressão no encerramento de escolas, cursos ou ainda diminuição de vagas nos cursos, que vão escapando. É o Ano Propedêutico e o "numerus clausus", o aumento desenfreado do ritmo de estudo individualista, as medidas no sentido de excluir do Ensino os estudantes oriundos das classes trabalhadoras, através de aumentos de preços, nos Serviços Sociais, sem acréscimo correspondente de bolsas.

Esta política geral, com a qual o Governo está evidentemente de acordo, exprime-se da seguinte forma, no campo do Ensino das Artes Plásticas e Design (APD): "Não é rentável. Vamos antes pôr alguns artistas a estudar no estrangeiro, para arranjar exposições que acompanhem as visitas oficiais. Ou então reduzir o Ensino da Pintura e Escultura a uma minoria, ainda mais minoria.

O Design, podemos bem importá-lo do estrangeiro, ou copiá-lo.

Precisamos, mas é, de um curso, que forme professores, depressa e mal, sem que o Estado gaste dinheiro."

Por isso, é intenção do MEC formar professores que possuam uma formação tanto pedagógica, como científica insuficiente. É por isso, que surgem as "reestruturações" de Letras e Ciências, no sentido de restringir a duração dos estudos para os alunos destinados à docência, enquanto meia dúzia de cientistas e letrados são seleccionados por um feroz "numerus clausus".

É provável que a reestruturação de APD, sonhada pelo MEC, passe pela separação entre professores e artistas, considerando o primeiro um sub-produto e o segundo como artigo de luxo.

O puro e simples esquecimento a que os sucessivos Governos Provisórios e "definitivos" votaram o Departamento, assim como a perspectiva de uma reestruturação arbitrária, ditaram a organização do Encontro de Ensino Superior Artístico, como forma de luta pelo direito ao ensino das Artes Plásticas e Design.

Desde 74, ano em que os antigos cursos de Pintura e Escultura foram modificados pela aragem renovadora da crise revolucionária aberta, os MECs e MEICs têm-se recusado a oficializar os cursos, sempre em funcionamento eficaz — e a integrá-los na Universidade.

Recentemente, o Eng. Grilo, director-geral do Ensino Superior, mostrou à delegação de professores e alunos da escola que o visitaram, no sentido de reivindicarem os seus direitos

a disposição de não integrar o Ensino Artístico na Universidade, mas formar, com ele, uma gaveta específica no Ensino Superior considerado parente pobre da Universidade (tal como o Ensino Curto). Para tal, foi criada uma comissão de reestruturação que não integra ninguém ligado ao Departamento de Artes Plásticas e Design de Lisboa, nem do Porto.

Ao mesmo tempo, o MEC pensa institucionalizar, em breve, um utópico e inexistente Instituto de Arquitectura, e Design Industrial incapaz de funcionar, a curto prazo, em tudo paralelo à opção de Design de Equipamento, que já existe, em APD.

Foi esta situação exposta aos gru-

**ENCONTRO DO ENSINO SUPERIOR ARTÍSTICO**

3, 4, 5 e 6 de Abril  
Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Cortez de reprodução do Serviço Cultural do Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design

pos parlamentares que compõem a Comissão para a Educação e Cultura da Assembleia da República, que nada mais fizeram que proferir promessas vagas e eleitoralistas.

A intenção de levar à opinião pública a situação deste importante ramo do ensino artístico levou alguns professores, entre os quais o pintor Rocha de Sousa e o escultor Helder Batista, e a secção Cultura da Associação de Estudantes a deitar ombros à organização do Encontro.

As intervenções mais significativas incidiram nos pontos já focados, tendo o MEC, instado a comparecer, enviado uma observadora clandestina que, segundo o Director Geral, por ser "muito tímida", não se identificou durante o Encontro, não lhe fossem fazer alguma pergunta...

Aplaudidos, também, foram vários professores do Departamento de Lisboa, entre os quais registamos as importantes intervenções de Jorge Pinheiro à cerca do Ensino, e da Prof. Margarida Calado, que homenageou o grande historiador da arte portuguesa, que foi o Prof. Pais da Silva.

Muito saudados pelas centenas de pessoas que participaram nos trabalhos, as intervenções dos críticos de arte Rui Mário Gonçalves e José Augusto França, do pintor Lima de Freitas e do musicólogo João Freitas Branco.

No encerramento dos trabalhos, uma intervenção da Direcção da Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design considerou o balanço do encontro, como "bastante positivo", tanto no aspecto de alerta para a opinião pública, como, no cultural, para quem nele participou, e apontou formas de luta concretas, para quebrar os isolamentos, que sempre existiram entre os trabalhadores da cultura e artistas, que, ao fim e ao cabo, vão fazer o jogo do MEC e da repressão exercida por diversas vias pelo Governo sobre a Cultura e a Arte.

No fundo, querem-nos alheios, alienados, patetas... Não compreendem que a arte mais consciente, e necessariamente o design, se insere na corrente histórica que encontra, como principal força motriz, a ciência, que Marx define como a que "se ocupa do modo como os homens obtêm os bens de que os homens necessitam para viver", ou seja, a Economia Política. Talvez uma certa vacuidade e "arte pela arte" que impera ainda, em 78, em Artes Plásticas e Design, fosse ultrapassada se a criação artística não fosse estranha à raiz donde brota a problemática da integração na universidade e da saída profissional.

A recusa de oficialização e integração na Universidade dos Departamentos de Artes Plásticas e Design de Lisboa e do Porto e a tentativa de proceder à sua asfixia devem alertar todos os aderentes e simpatizantes da FAPIR, para a necessidade urgente de defender o património cultural e artístico do povo português e o direito ao Ensino, que, muitas vezes, sofrem atentados mais subtis e menos facilmente identificáveis que o recente incêndio das instalações da Faculdade de Ciências, mas de consequências igualmente funestas.



cinema

# o rei das berlengas

## CONFESSA-SE

por Artur Semedo\*

O mais recente filme português (O Rei das Berlengas) é um filme de que se fala. Feliz campanha de lançamento, o desejo (já desespero) geral de começar a aparecer o "cinema nacional", que afaste o público da droga de celulóide exportada por Hollywood a sério e Hollywoods de pacotilha, e o atraia, retratando-o e estudando o seu ser e a sua verdade, justificam a expectativa e a corrida às bilheteiras.

Ao Boletim da FAPIR, não interessa o artigo meramente laudatório de tal ou tal obra de Arte. O que interessa, é abrir o campo da polémica, estabelecer o debate, promover o encontro público dos interessados na descoberta do cinema Português, que urge existir. Para intervir, para subverter.

Este, o motivo porque se pediu ao primeiro responsável do filme um depoimento sobre o seu trabalho. Algumas das suas afirmações parecerão (serão) polémicas. Que venham outras opiniões, que surjam interrogações. Nós publicaremos.

E agora, demos a palavra a Artur Semedo.

Pela transcendência do estilo, de acordo com a natureza do tema e pela forma cinematográfica com que foram tratados os seus motivos satíricos, a Comissão de Classificação de Espectáculos considerou este filme de qualidade.

Todo o filme com esta classificação fica isento de impostos.

"O REI DAS BERLENGAS" OU "A INDEPENDÊNCIA DAS DITAS"

Ficha técnica:

L.m. 35mm Eastmancolor

Produção — Instituto Português de Cinema

Realizador — Artur Semedo

Intérpretes — Mário Viegas, Zita Duarte, Santos Manuel, Joaquim Letria, Paula Guedes, João Vasco, Pedro Ramos Pinto, Artur Semedo, Elisa de Guisette, Isabel de Castro, Trigo de Sousa, etc...



Argumento — Artur Semedo  
Diálogos — Artur Semedo  
Director de Fotografia — António H. Escudeiro  
Laboratórios — Ulyssea Filme  
Som — Valentim de Carvalho  
Cenografia — António Casimiro  
Montagem — José Pedro Andrade dos Santos  
Banda Sonora — Raul Ferrão  
Étalonnage — Maria Teresa Ferreira  
Montagem negativo — Maria José Figueiredo Martins  
Misturas — João Diogo

"O REI DAS Berlengas" é uma ficção, no fértil mundo do imaginário, cuja acção do presente se desenvolve em 1981, quando a "Tecno Rádio Televisão Portuguesa-Canal 9-Zona Centro", inicia a maior reportagem do século, aquela que terá maior audiência junto dos Tecno Rádio Telespecta-

dores portugueses, devido ao caso mais controverso que abalou, durante meses, a opinião pública. "Um homem, uma história" irá paralisar o país, postergando para a insignificância as telenovelas brasileiras. E assim, à frente duma equipa experimentada e rodada, movida por mão hábil de mundano locutor, recolhe, em Caxias, no Pavilhão de Segurança e nas Berlengas a entrevista que se impunha com a estranha figura de D. Lucas Alves Telmo de Midões, o Rei Sensor-te do arquipélago Berleagal, rodeado de gaivotas e de corvos — a brancura da esperança e o negrume do desespero — ilhas que são bem a imagem de marca da nossa história trágico-marítima, onde a fome e a sede se sentem nas suas pedras fustigadas pela fúria das ondas que tentam destruir os fan-

\* Actor e realizador de cinema.



# cinema

presa na primeira oportunidade. O seu coração estava pronto a albergar, com todo o furor, a primeira mulher que encontrasse, logo que as portas de oiro da liberdade se escancarassem. Estava escrito que o amor à primeira vista seria para D. Lucas o sol, a seiva, a própria vida.

## O QUE EU PRETENDIA ATINGIR, CONSEGUI!

Um realizador, que tenha um mínimo de personalidade, não pode aceitar servilmente um argumento ou sequência impostos por outros, segundo concepções políticas, sociológicas, psíquicas e epidérmicas diferentes. O realizador tem que colaborar na feitura do guião e dos diálogos (principalmente se o filme pretende ser cómico ou burlesco). No caso de "O REI DAS BERLENGAS", em que tudo é de minha autoria, eu tive a preocupação máxima de ter sempre junto de mim o protagonista, três meses antes de iniciar a sua rodagem.

Escolhi, conscienciosamente, para intérprete do Rei, o actor Mário Viegas. Desnecessário se torna falar dele como actor; todos conhecem o seu talento, o seu grande potencial de actor, as suas extraordinárias qualidades expressivas e a sua dicção, que faz dele um dos primeiros declamadores de língua portuguesa. Só o conhecia através de grandes interpretações;urgia conhecer-lhe os defeitos; o que havia nele de "canastrão", porque, além do seu lado positivo, eu aproveitaria, como grandes qualidades interpretativas para o filme, o seu lado negativo.

E passei para a nossa vida a regra gramatical "...nunca se separa o sujeito do predicado com uma vírgula".

Discutimos o filme, analisámos, convivemos e observei-o nos mais pequenos pormenores. Escrevi-lhe o diálogo, com todo o conhecimento da sua voz, da sua escala, das arcadas apoiadas em vogais abertas, dos tempos de respiração, o gesto, o andar... o seu determinismo, a sua timidez... e fiz do Mário Viegas o D. Lucas Telmo de Midões levando a sua interpretação até à exaustão!

Afastei-o, nos enquadramentos, nas cenas do Pavilhão de Segurança com Joaquim Letria (que deixei solto na sua boa interpretação improvisada), não me interessei com o trabalho de laboratório destas cenas (ampliação de 16 milímetros, para 35 a preto e branco) para lhe dar todo o ar de reportagem televisiva, assim como a conversa no gabinete do Dr. Pais de Arriaga (desempenho balofo, exigido por mim, a Trigo de Sousa que ele inteligentemente compreendeu) e cujo bom resultado está à vista. Na responsabilidade destas cenas estava o

êxito e a criação da presença emocional catalizadora da aderência e comunicação com o público.

Outros artistas houve com quem nada me preocupe, caso de Zita Duarte e Santos Manuel (as minhas homenagens às suas interpretações) pois sabia que, se muito ensaiasse, tudo estragava. Resistem, como poucos, aos grandes planos. Tudo dito. Outro ponto importante é o tom em que o filme, quando muda a narrativa para os "flash-backs", é teatral. O tom épico era fundamental na ficção da anti-epopeia.

Toda a "mise en scène" é feita em cumplicidade entre a câmara, actores e público. Obriga o espectador a observar, logo os valores emocionais do filme são captados e a imaginação desperta. O sincopado da montagem, certos planos passageiros, quebras de ritmo, alongamento de cenas que parecem em nada valorizar o filme, e que um bom corte iria beneficiar a acção, criariam um clima no espectador que iria sempre exigindo mais e mais ritmo até ele próprio se cansar e desligar-se da trama. Quando se atinge o limiar da saturação numa cena, implicitamente ela vai beneficiar e valorizar as próximas.

De empírico, neste filme, pouco há. De improvisação, algo existe. Principalmente, na cena do Marquês de Pombal com a Inês de Castro aquando do terramoto de 1755.

Confesso que este filme serviu-me de veículo para levar junto do público a força do burlesco, por vezes não conseguido (e quem o conseguiu em Portugal, já?) através do "star-system", para que a sua influência sobre o público conseguisse que se rissem com o filme e não do filme e que se emocionassem com o filme e não chorassem o preço do bilhete. Acho que consegui. O tom de representação de certos actores (teatral!)



tasmas do nosso processo histórico e os alicerces da força lusitana.

D. Lucas estivera a um passo da reconquista da independência! E através de "flash-backs", vão sendo narrados os episódios da sua infância, psicanalisados por ilustre catedrático que penetrara já, através de estudos exaustivos, na sua mais tenra infância, na adolescência, na juventude e na sua maturidade. Um psicopata, um megalómano, um caso de "delegação", um traumatizado pelo complexo de Édipo, cujas armas que empunha não apresentam mais do que símbolos fálicos ao serviço da violência incontrolada (diagnóstico do Professor Pais de Arriaga), um cataclismo em forma humana.

Mais tarde, aconselhado pela cabeça falante do avô (morto) ei-lo que parte para a capital, à conquista do reino perdido. Estamos nos anos 60: o Império Salazarengo está a ser atacado em três frentes, falta a quarta... que se forma com a Causa Berlenga! Completa-se assim o célebre quadrado das históricas batalhas de Portugal.

D. Lucas compra um quartel em segunda mão, com guarita e tudo. Aderem à causa dois generais e um almirante, a ameaça cresce, toma vulto e o ataque concretiza-se. Montado na poderosa arma secreta (Cavalo de Tróia) onde, no bojo, se esconde a traição, D. Lucas, vitoriado por milhares e milhares de aderentes, parte à conquista do seu reino!

Dá-se a maior intervenção armada em território nacional e D. Lucas, com toda a sua comitiva, é internado no Pavilhão de Segurança de Caxias.

Nunca fora dado a conhecer a D. Lucas a possibilidade de sentir em seus braços uma mulher, que não fosse sua mãe ou sua avó. Nunca fora permitido que o seu olhar se fixasse, lânguido e dócil, sobre uma anca, perna e pé feminino. Nem um encostar ou roçar gaiato pela gorda cozinheira ou um apalpão furtivo nos seios das criadas do serviço de fora. Essa repressão sexual acumulada, através dos tempos, não fizera dele um misógino, mas a fera pronta a saltar sobre a





# cinema

exerce um grande poder positivo sobre o público, no caso específico desta realização. A banda sonora seria também decisiva, assim como a pouca música utilizada.

O que eu pretendia atingir, consegui, e para mim e para muitos, muitos (eu sei!) sabem que acertei no objectivo. Uma bomba de neutrões à escala portuguesa.

Honra me seja que nada cortei do filme (nem no genérico!) para evitar problemas ou agradar mais a este que àquele. Quando morrer, será na posição vertical, e só depois passarei à horizontal dos répteis.

Trabalho na praça, que a praça é do povo, como o céu é do condor! Não me esgueiro por corredores como eminência parda (cor acinzentada), nem petisco aqui e ali. Almoço às escâncaras, com quem me apetece ou quem me convida e eu aceito.

Mas alegremo-nos todos com o grande sucesso que o filme está tendo junto de todas as camadas de público (com excepções).

E Viva a Independência Berleagal!

## TEMOS DE TER A CORAGEM DE RIR DE NÓS-PRÓPRIOS

N.B. — Berlenga vem de Perlenga, que significa aldrabice, vigarice, embuste.

"O REI DAS BERLENGAS" é uma metáfora que se estende desde a fundação do Condado Portucalense até ao ano de 1981. Uma análise apressada e incompleta a um país feito em grande parte por decretos-lei e tratados enganadores.

Porque não rir e escarnecer dos fantasmas negativos envolvidos em mantos diáfanos e grotescamente aureolados? Que me perdoem os petrificadores e doutrinários de pacotilha por o filme se abater por vezes

desbragadamente sobre o que há de podre, de retrógado, de reaccionarismo nas Instituições caducas e maxi-conservadoras!

É um filme absurdo? Insólito? Irreverente? É!! Mas tem a lógica do absurdo, do insólito e da irreverência.

Acima de tudo uma intenção: que uma grande camada de público venha a identificar-se com o filme, e que o povo solte aquela gargalhada de que tão necessitado anda.

Temos de ter a coragem de rir de nós próprios, da nossa grande característica de improvisação de que tanta gala fazemos e que tanto nos prejudica. Darei até como exemplo dessa mazela nacional os erros de que o filme enferma e algumas das suas virtudes.

Já muita tinta correu sobre "O REI DAS BERLENGAS" e seria estultícia ou falsa modéstia dizer que não estou satisfeito, alegre e feliz, por verificar que as críticas e o grande movimento gerado à volta dele me são favoráveis. Poucos, muito poucos mesmo, consideram-no um filme menor, um aleijão, mal dirigido e mal representado... A essas ilustres cabeças peço desculpa pelo tempo que lhes robei, ao obrigá-los a estarem sentados, durante duas horas, às escuras, sobre todos os pontos de vista, sem intervalo, para desabafarem ou desancarem lá do alto da pirâmide do bar, o incompetente Artur Semedo. Que faz correr essa meia dúzia? A esses, direi que sou como o povo: não sabemos ler mas não somos analfabetos!

— Dizem que saiem pessoas do teu filme. É verdade?

— É! Saíem todas mas no fim!

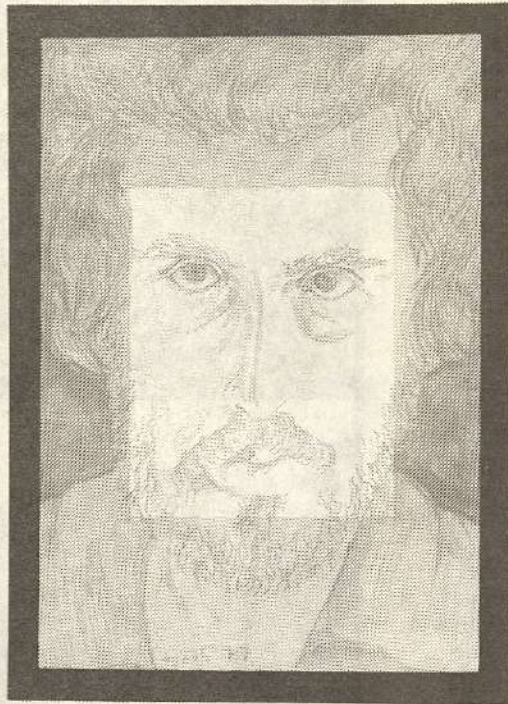
— Que o Mário era muito mimado por ti e que só trabalhava quando lhe apetecia?

— Como actor que sou e com o grande conhecimento que tenho deles, sei que nunca se deve menosprezar um artista em frente duma equipa ou tratá-los como escravos ou quadrúpedes! A mim nunca ninguém o fez, nem em Portugal nem no estrangeiro (ai de quem!) porque lhe enfiaria com a máquina na cabeça. Eu sou de briga, não esquecer! Mimos ao Mário Viegas? ... Não! Amizade, compreensão e amor pelo filme. Ele era sempre o primeiro actor a chegar e dos profissionais mais sérios e mais competentes com quem trabalhei. Até se lançou, no mês de Novembro, ao "mar salgado" das Berlengas, para ir a nado até às caravelas castelhanas que atacavam o forte. E quando o vi lá longe a esbracejar e a gritar é que mandei filmar, porque achei que estava óptimo. Filmou-se, filmou-se, até que vimos chegar junto dele um barco de borracha para o salvar. Afinal, ele estava a afogar-se e a gritar por socorro. Vá lá, não morreu.

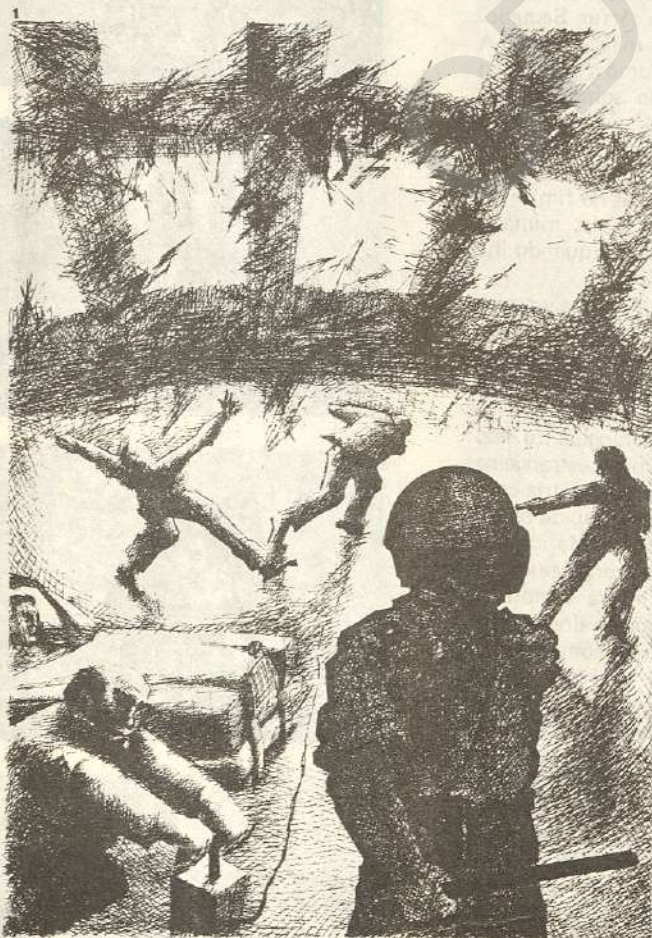




# desenho



Tendo nascido em 1950, Manuel Botelho conclui o curso de Arquitectura em 1976; fez uma exposição de desenhos no Centro Cultural da Comuna, em Janeiro de 1977.



... para reprimir os bombistas ?...

..... para reprimir o povo !





Durante a tortura do sono.  
"Seguravam-me pelos braços e faziam-me andar à volta da sala, proferindo improperios" *extracto de um depoimento*







# O CASO

# DOS 5 REALIZADORES

# DESPEDIDOS

No dia 20 do passado mês de Abril, João Lima, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Emigração, após um visionamento sumário da cópia de montagem do filme "Lisboa, 1ª Página", resolveu ordenar diversos cortes, supressões e alterações, quer da banda de imagem, quer da banda do som. Pedro Amorim, José Bogalheiro, Rosa Coutinho Cabral, José Alves Pereira e José Lã Correia, autores do referido filme, recusaram-se a fazer as alterações ordenadas, já que, no seu entender, essas alterações iriam deturpar completamente o projecto inicial do filme (que havia sido anteriormente aprovado pelo secretário de Estado) e representavam uma ingerência intolerável na liberdade de expressão artística e uma violação dos direitos de autor.

Na sequência desta recusa, o dr. João Lima, procedeu ao despedimento dos cinco autores do filme.

Hoje, mais do que o relato dos acontecimentos, por várias vezes focados na imprensa, interessa-nos a opinião polémica e o debate de ideias sobre este caso que, de forma alguma, se encontra concluído.

## Um acto condenável sob todos os aspectos

por António Reis \*

Ao despedir, com uma "Shifer" (marca de caneta) os autores de "Lisboa 1ª Página", penso que o dr. João Lima cometeu um acto condenável sob todos os aspectos. Precisar-se-á o seu Ministério, para subsistir, de mais emigrantes? Ou joga já com o desemprego para ter servos de confiança?

As vítimas de políticos prepotentes foram constituindo um povo marginalizado, lançado — pela borda fora — gota a gota, em torrente — a diáspora não é uma fatalidade lusfada: explica-se pelo fascismo.

Qual será a cultura cinematográfica do dr. Lima para não ter percebido o que pode afinal ser moeda corrente de expressão em cinema?

Outra pergunta: o dr. Lima, zeloso tecnocrata, censura alguns dos ignóbeis filmes que exporta para os emigrantes? Importa-se, porventura, do que representam e da alienação que

disseminam? Ou convém-lhe a droga dessas imbecilidades para que os emigrantes não retirem o lastro ao barco com o qual lhe garantem o seu ordenado e o seu posto, que não é o de tarefeiro?

E é preciso que aqui fique, incontroversamente testemunhado: cinco dos camaradas despedidos, por brio picado, não têm, de facto, outras ocupações: têm sim, dr. Lima, dramáticas preocupações... históricas, por exemplo, económicas, culturais, portuguesas.

Um castigozinho para o dr. Lima: 8 dias apenas na Renault, na produção em cadeia...

Para um tecnocrata, é suficiente a lição.

\* Cineasta, professor da Escola Superior de Cinema.

## "Despedimento Com Justa Causa"

por Helder Costa \*

Não deixa de ser curioso este despedimento.

A equipa de cinema em causa, trabalhou durante bastante tempo, foi dinâmica e activa, produziu qualidade. Isto, até o patrão confessou.

E, bruscamente, veio a dispensa dos serviços.

Ora, a não ser que pensemos que esse patrão está sujeito a repentes e impulsos de raiz patológica, à Tennessee Williams, é forçoso concluir que essa operação foi devidamente ponderada. Correspondendo, com certeza, a qualquer objectivo. Esse objectivo, todos o sabem, é que isto "entre na ordem". Em todos os campos da actividade social, e muito particularmente, no campo da informação e da divulgação cultural, o que quer dizer, no campo da formação ideológica.

Realmente, como é que o povo Português conseguirá continuar a suportar — com a paciência evangélica que o tem caracterizado — o aumento dos preços, os despedimentos, a libertação dos pides e bombistas, a impunidade dos fascistas, o insulto que significa o convite ao regresso de Américo Tomás, a venda a retalho da sua independência económica e política, o sentir-se exilado dentro da sua própria Pátria, se fosse alertado, informado, esclarecido?

Pois é. Para que a direita avance (aquilo a que, enfimisticamente, se tem chamado a "ordem" e a "estabili-

\* Dramaturgo, encenador; elemento do Secretariado Nacional da FAPIR.



# o caso dos 5 realizadores

dade"), é indispensável que o povo esteja paciente, calmo, e sereno. Para isso, é necessário iludi-lo, acenar-lhe com promessas, confundi-lo. Mentir-lhe.

E quem são os "homens de mão" desta operação mistificadora?

São gente medíocre, inferior, escritas mercenários. Essa gente não pode ter a subversão da inteligência. Não pode ter a sensibilidade de um criador. Não pode ter a dignidade de um homem íntegro.

Por conseguinte, camaradas e amigos, o vosso despedimento é o que se pode chamar, de uma forma exemplar, um "despedimento com justa causa".

Único problema grave de todo este caso (que não passa de mais um exemplo do que se tem passado no nosso belo jardim, desde há uns tempos): a impunidade com que essas manobras se fazem, a relativa passividade com que se assiste a tudo isto, a incapacidade de resposta do campo cultural e artístico em relação a estas prepotências.

Que a lição fique: desunidos somos frágeis, "utilizados", manipuláveis.

Se conseguirmos a nossa unidade, seremos uma força a temer. Uma força que defende a verdade e o progresso. Isto é, uma força invencível.

## Imaginação contra esclerose

por José Alves Pereira\*

Lisboa — porque vindos de longe, nos atrevemos a enfrentar as leis, onde elas têm mais força — a cidade.

1ª Página — porque, como um jornal, tomámos partido — a comunicação.

Fernão Mendes Pinto contra Carmona.

A imaginação contra a esclerose.

Fernão Lopes contra Leitão de Barros.

A movimentação popular contra propaganda populista.

Zeca Afonso contra Amália.

O fazer caminho, andando contra o determinismo.

Hawks contra os filmes à SNI.

Os espaços abertos contra os carcereiros da manipulação.

Por isso, a palavra de ordem "Todos ao Marquês", mais que a coincidência de espaços — 5 de Outubro, 25 de Abril — era a movimentação popular, era a nossa mobilização, para a redimensionação da cultura portuguesa — afirmativa, no futuro, popular.

Mas a provar a justeza das nossas opções — a intervenção do censor,

não como livre arbítrio (o que apesar de tudo era a única coisa que poderia fazer — proibir o filme), mas justificando, procurando aliados no medo, na ignomínia, na auto-censura.

Não é por acaso que o 25 de Novembro diz, por palavras, ser a continuação do 25 de Abril mas, na prática, é a sua falsificação (a sua censura) — provam-no o ataque à Reforma Agrária, as desintervenções, o aumento do custo de vida, o governo PS/CDS. Prova-o — o nosso caso — que pensamos exemplar, porque poderá ter graves consequências no campo da arte, no campo mais geral da liberdade de expressão que, apenas, desejamos ver negada aos fascistas.

É por isso que estamos a lutar em todos os campos, mesmo naqueles, à partida, mais favoráveis à burguesia.

É por isso que queremos continuar a fazer cinema, sem nos passarmos para o outro lado da barricada.

\* Um dos cinco realizadores despedidos.

## Reflexo de uma grave situação

por José Afonso\*

A atitude do secretário de Estado não me surpreende, e mais, não é senão o grave reflexo da situação que afecta diversos sectores da vida portuguesa. Além disso, este não é um caso isolado, pois conhece-se o que se passa nas emissoras, em relação aos saneamentos políticos de técnicos progressistas, sendo o caso mais flagrante o da Televisão, com uma emissão continua de folhetins, música enlatada, festivais fúteis, séries de violência e propaganda sistemática ao imperialismo americano e pondo em relevo o aparato tradicional da cultura burguesa.

Pessoalmente, já fui atingido, indirectamente, pela SEC, então dirigida por David Mourão-Ferreira, numa peça apresentada na emigração, onde se incluía a "Grândola", peça que fazia a apologia do 25 de Novembro.

Em relação a uma alternativa cultural, parece-nos clara a necessidade

de trabalhar em todas as frentes, criando estruturas autónomas e descentralizando, tanto quanto possível, as iniciativas.

Noto que se tem caído sistematicamente no erro de centralizar as iniciativas culturais em Lisboa. Por outro lado, assiste-se também, cada vez mais, à truncagem do que as pessoas pretendem fazer, ou seja, à utilização sistemática de artistas e criadores que, em princípio, nada têm a ver com a perspectiva cultural dominante — o que mais não é do que a necessidade da classe dominante se justificar e se afirmar ideologicamente.

Não será, talvez, necessário dizer que sou solidário com os camaradas despedidos e que estou disposto a apoiar qualquer iniciativa conjunta.

\* Cantor popular; declarações recolhidas oralmente.



Cena do filme "Lisboa, 1ª Página"

Por motivo de falta de espaço, não foi possível incluir o depoimento de um dos cinco realizadores despedidos, Rosa Coutinho Cabral — facto que lamentamos.



# o caso dos 5 realizadores

## Por um Cinema - Dialecto

por José Bogalheiro\*

Um modo de conjugar a história, na voz activa, é a memória popular. Um modo de conjugar a sua acção, no tempo presente, é a codificação, segundo o registo da conformidade com o poder dominante.

Assim, os movimentos geradores da diferença, na história, são, na gramática estabelecida, assimilados a agentes da passiva. Assim no espaço/memória dos sujeitos, a guarda (conjunto de "agentes" que operam por conta alheia), ora se faz respresentar através de uma palavra de ordem, ora toma o lugar de cada um, à força de arremigitação, ora jugula a voz, que se afirma solta, servindo-se de práticas de censura.

Ou seja: fazendo-se delegar no exercício de funções estatais de repressão, de controlo e de polícia, a estratégia do poder, ao nível da comunicação — que é um espaço de circulação da diferença — passa pela apropriação da linguagem, pela anulação da informação, pela sua transformação em sistema de comando.

É para uso neste canil que o poder sonha com o cinema.

Que não terá, feito por mim, pois na minha ficção os "heróis" não usam coleira nem se habituaram a comer à mão.

Parafraseando a feliz expressão de F. Guattari, ao definir o cinema como

"uma arte menor", se se entender que ele deve estar ao/do lado daqueles que de uma maneira ou de outra constituem uma minoria e não ao serviço do poder dominante, seria de defender que a sua mensagem é um "dialecto" e que é como língua diferente que a sua articulação se faz com o real.

Porque diverge, será sempre suspeito à vigia do poder estabelecido; como diferente, encontrará sempre maneira de transferir para lugares mais francos, entenda-se de combate, o seu "segredo de guerra", uma vez que não é próprio do cinema estar ao serviço do "espírito" (que, segundo dizia um Funcionário, deve "nortear estas actividades para a emigração") pois o seu fito, como o de toda a arte, é a criação de uma nova terra (Nietzsche).

Levantar a voz da memória popular é tornar públicos os "segredos do poder". Revelar a imagem do seu exercício é trabalhar na produção de sentido, numa língua minoritária; é fazer um cinema divergente, imigrado. Articulá-lo, transversalmente, com outros dialectos, é montar uma "máquina de guerra".

Não é por isso necessário repetir o filme. Vale a pena fazer diferente. É tarefa tornar outros possíveis.

(\*) Um dos cinco realizadores despedidos.

## Um filme feito perto das leis

por José Lã Correia\*

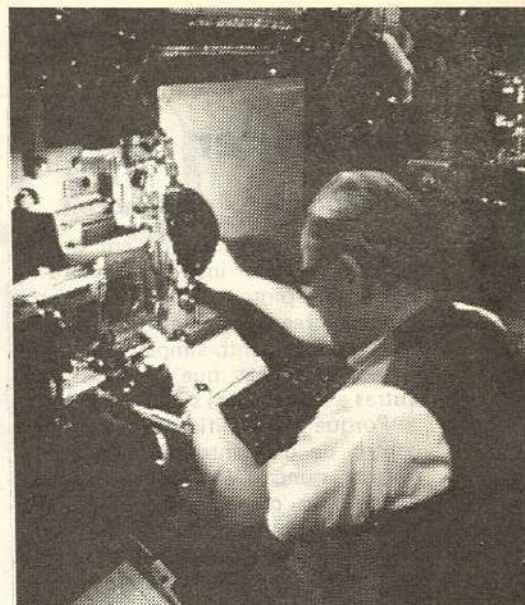
Sendo-nos encomendado um filme, deitámos mão à obra. Teria que ser sobre Lisboa, tal como nos exigiam. Mas porquê sobre Lisboa? — interrogámo-nos ao princípio. Até aí, a maioria dos nossos filmes havia sido rodada fora dos grandes centros urbanos, e nós acreditávamos, talvez um pouco ingenuamente, que tal era importante para que fossem actuaentes. Daí que, quando começámos a idealizar o "Lisboa, 1ª Página", fossemos, desde logo, procurando descobrir, para nós próprios, qual seria o melhor modo de falar da cidade, da capital, do centro de produção de leis, que era Lisboa. E, assim, traçámos uma linha de clivagem nos nossos trabalhos: os filmes feitos longe das leis, os filmes feitos perto das leis.

Ora, um filme feito perto das leis teria que ter como "corpus" os resultados dessas leis: as suas marcas, pois

que elas são as únicas que podem ser vistas e filmadas e podem ser contrapostas com outras marcas: as das movimentações populares. Para tal, foi preciso descobrir a diferença das marcas e denunciá-la. Contrapôr as inscrições das colunas (do cais das colunas) com as "pinchagens" nas paredes, é descobrir algumas das diferenças entre o que nos chega da história. Num caso, o poder manda (paga) para que lhe escrevam a "história" na pedra, no outro o poder manda (paga) para que limpem a história da parede.

"Lisboa, 1ª Página" era um filme sobre as marcas da lei. Curiosamente, hoje ele tem sobre si, definitivamente, impressas essas mesmas marcas. E isto é o melhor elogio que alguma vez poderia ter sido feito a este filme.

\* Um dos cinco realizadores despedidos.



Cena do filme "Lisboa, 1ª Página"

## Na fase actual do Capitalismo...

por Osório Mateus\*

Na fase actual do capitalismo há modos de sobrevivência que exigem a migração regular ou permanente de grandes massas de trabalhadores; em muitos Estados as populações, forçadas ao nomadismo, atingem números que levam à existência de repartições específicas do poder nomeadas "da /emigração".

Acordos inter-estatais permitem que o departamento da emigração portuguesa actual organize, à distância, a ocupação dos intervalos entre os períodos de prestação de trabalho das populações deslocadas que, por desconhecimento dos códigos, são impermeáveis aos programas dos novos ambientes. Necessita, para tal, de produtos de ocupação que contribuam para manter em funcionamento as forças produtivas ex-sedentárias. A operação técnica: artistas (temporários) e encarregados de artistas (permanentes, mas em número menor).

O funcionário governamental da emigração avalizou recentemente o parecer dos encarregados desaprovando um programa do veículo cinema. A medida (irreversível, como se diz em fotografia) implica o reconhecimento da infracção de normas técnicas do poder (significado) e o termo da utilização do grupo de artistas da revelação da imagem (significante). Na fase actual do capitalismo, há modos de sobrevivência que exigem a migração (regular ou permanente) de grandes massas de trabalhadores.

\* Encenador, membro da Sociedade Portuguesa de Crítica.



fapir informa

# ESTÁ TUDO A MEXER

Encontra-se aberta a Livraria da FAPIR, ao lado da sede nacional, na Av. Alexandre Herculano, 55, Lisboa 2. Um vasto reportório de editoras e publicações, um serviço de assinaturas de publicações nacionais e estrangeiras, exposições de artesanato, fotografia, artes plásticas, etc... garantem para esta livraria a roda-viva que tem de ser. Mas, em termos de "aberturas", não se ficou por aqui. Também a CANTINA e o BAR acabam de ser inauguradas, com a devida solenidade. Portanto, a partir de hoje, podes passar a almoçar e (ou) a jantar, na sede, como em tua casa, a preços espantosamente económicos e com a qualidade da alimentação, garantida pelas mãos de fada da nossa aderente Júlia de Oeiras. Também, na sede, se encontra a funcionar um clube de

bairro, "Os Águias do Príncipe Real", que, em poucas semanas, conseguiu um número impressionante de sócios e de equipas de futebol. Se quiseres dar ao pé, já sabes... Também o CALPAL - Comité de Apoio às Lutas dos Povos da América Latina - se encontra instalado na nossa sede.

Finalmente, a sede da revista "RESPOSTA" cujo impacto na opini-

A título documental e só para abrir o apetite, alguns excertos de uma das comunicações, apre antadas pela organização do Encontro, sobre "Produção e Divulgação Cultural - Estruturas Alternativas": "Pensar a cultura, como campo de luta de classe, não é original. Pelo menos, assim parece. Já não será tão claro se formos a ver, de perto, as implicações que isso tem na nossa época e na nossa sociedade, em que a distância que vai do acto criativo de um autor até à recepção da obra pelo público, é fortemente condicionada pelas estruturas de difusão e produção que dominam o mercado. A importância dos "mass-media", hegemonzados pelas classes sociais no poder, é determinante. A radicalização, maior ou menor, dos conflitos sociais reflecte-se na produção cultural - e vice-versa - e, assim, vai sempre variando a "margem de manobra" que os poderes (públicos ou privados) vão deixando às produções culturais que pretendem contestá-los.

Nas últimas décadas, assistimos a um crescente movimento de autonomização das produções culturais, no chamado "mundo ocidental", sobretudo a partir dos EUA e da Inglaterra, movimento que se acentuou, na Europa, a partir do Maio 68, e, em Portugal, a partir do 25 de Abril de 74. O mesmo se poderá dizer, embora em escala muito menor, sobre a distribuição e/ou divulgação cultural.



ão pública continua a somar, apesar de ter ainda apenas dois números, localiza-se (e ainda há espaço para mais) também na Av. Alexandre Herculano, 55.

Decorre ainda, neste momento (10 e 11 de Junho) o I Encontro Nacional da FAPIR, cujos temas essenciais se encontram divididos em 4 pontos: 1. Intervenção comunitária - animação socio-cultural; 2. Formação e comunicação; 3. Produção e Divulgação Cultural - Estruturas alternativas; 4. Animação desportiva.

Com este Encontro, pretende a FAPIR juntar forças que têm actuado de forma dispersa e desorganizada, no Campo Cultural. Por sua vez, o confronto de experiências e o debate de linhas de orientação deverão possibilitar a estruturação e organização mínimas, que consolidem e alarguem a capacidade de intervenção da FAPIR.



Os amigos da Júlia

## GAITEIRO E TAMBORILEIRO PRECISAM-SE

Precisamos de um gaiteiro e de um tamborileiro que, entre Setembro e Dezembro, estejam disponíveis para acompanhar a digressão (Évora, Coimbra, Figueira da Foz, Faro, Porto, Viseu, etc...) do espectáculo "O Fatalista", de Diderot. Trata-se, naturalmente, de um trabalho remunerado. Podes contactar-nos para 881047 (Leonor Pinhão) e 793997 (Osório Mateus).



# o caso dos 5 realizadores

## Os olhos do Poder

por Pedro M. de Amorim \*

Escreveu Bergson que em vez de explicar a vida interessa decifrá-la, como um pintor decifra um rosto. Interessa reencontrar a "intenção da vida, o movimento simples que corre através das linhas, que as liga umas às outras e lhes dá uma significação".

Porque de significação e de reencontro de uma intenção de vida se tratava, nunca "Lisboa, 1ª Página" poderia ter como opção uma visão com os olhos do poder.

Os objectivos justificativos da luta pelo poder, após a sua conquista, tornam-se apenas meios para dar cobertura aos seus exercício e manutenção, únicos fins que irão prevalecer. E porque passa a não suportar qualquer confrontação com a "praxis", uma linguagem, antes com significação e que se definia pela oposição à negação de valores essenciais — torna-se vazia. E vazios de significação, de devir histórico, deverão ficar coisas e fenómenos por ela abordados. Restará um mundo de aparências, onde uma comunicação repressiva estará na ordem do dia porque sendo violentadora da memória, impõe-se como critério de verdade. É a comunicação "adequada", de uniforme. O poder, não vendo além do seu exercício, só pode comunicar a imagem da sua visão. Poder que será sempre verdadeiro, mas de uma verdade que ele próprio não sabe; verdadeiro como é pensado de fora e não como ele se pensa.

É porque se pretende verdadeiro que este filme, embora feito perto das leis, deverá ficar sempre fora delas.

\* Um dos cinco realizadores despedidos.

Cena do filme "Lisboa, 1ª Página"



## Jovens cineastas toca a entrar na linha!

por Pitum Keil do Amaral \*

A minha primeira experiência, como "actor" de cinema, foi no filme "Lisboa, 1ª Página", realizado pela equipa da Secretaria de Estado da Emigração.

Eu nem sabia que existia uma equipa de cinema naquela Secretaria de Estado!

Fiquei admirado quando soube que faziam com regularidade programas para a televisão francesa, e que já tinham realizado vários.

Admirei-me por serem todos jovens, e mais ainda quando vi que trabalhavam com muito profissionalismo (que não sei como adquiriram) — levando a sério tudo o que faziam (mesmo as coisas cómicas).

— Curiosa — disse para comigo — esta equipa! E pouco vulgar cá na terra... — disse-o também, depois, a um amigo, para o convencer a participar no filme, como me pediram.

(Ele foi o "Velho do Restelo", perorando durante o desafio de futebol Belenenses-Benfica, e "morrendo" às portas do Parque Mayer; eu o "Fernão Mendes Pinto", chegando de chata ao cais das colunas, onde li uma página da "Peregrinação" à população, antes de caminhar para a corte, por entre os automóveis do Terreiro do Paço).

Gostava de ver o filme, acabado, para saber se resultou aquela mistura

da actualidade com a história, da realidade com uma saudável e irreverente fantasia que o guião do filme continha.

Mas, zás! Antes disso, foi a equipa toda para a rua, despedida! É assim mesmo: basta de originalidade! Estamos em Portugal, que diabo!

É altura daqueles jovens saberem que 80% do trabalho criador que aqui se faz (ou mais?) é para deitar no lixo. Eu podia ter-lhes explicado isso, por experiência própria, mas não há nada como senti-lo para acreditar.

A austeridade nacional não tem, aqui, cabimento. A criação pode desperdiçar-se à vontade, e pelas mais variadas razões. Neste caso, ao que me consta, porque houve um rebate superior, tardio, sobre o que convém ou não mostrar aos emigrantes.

Oxalá, para a próxima, haja maior controle ao longo de todo o processo, não se deixando desvairar a imaginação dos jovens cineastas.

Os emigrantes ficavam mais contentes com o Belenenses-Benfica sem o "Velho do Restelo". Ou há quem duvide?

Jovens cineastas — toca a baixar as orelhas e a entrar na linha: que tal um lugar de professor do Ciclo Preparatório?

\* Arquitecto.

## Inteligência e imaginação

por Ricardo Pais \*

Quando se aceita participar num filme, o pressuposto nº 1 é o da con-

fiança nos autores. Quando se trata de um filme, encomendado por um órgão de Estado, o pressuposto é de que a confiança deposta por esse órgão de Estado nos autores do filme não está em questão. Quando aceitei participar neste filme, pressupus que estaríamos envolvidos num trabalho em que os factores comuns eram a inteligência e a imaginação.

A mutilação posterior do material filmado desmascara a falsa confiança do órgão estatal, põe a nu a tendência do poder para se tornar um exercício da amnésia, focaliza-nos no espaço real do acto de censura.

Que não precisa de estar institucionalizada.

Basta-lhe, para existir, a ameaça da inteligência e da imaginação.

\* Encenador, professor da Escola Superior de Cinema.



fapir informa

# ESTÁ TUDO A MEXER

Encontra-se aberta a Livraria da FAPIR, ao lado da sede nacional, na Av. Alexandre Herculano, 55, Lisboa 2. Um vasto reportório de editoras e publicações, um serviço de assinaturas de publicações nacionais e estrangeiras, exposições de artesanato, fotografia, artes plásticas, etc... garantem para esta livraria a roda-viva que tem de ser. Mas, em termos de "aberturas", não se ficou por aqui. Também a CANTINA e o BAR acabam de ser inauguradas, com a devida solenidade. Portanto, a partir de hoje, podes passar a almoçar e (ou) a jantar, na sede, como em tua casa, a preços espantosamente económicos e com a qualidade da alimentação, garantida pelas mãos de fada da nossa aderente Júlia de Oeiras. Também, na sede, se encontra a funcionar um clube de

bairro, "Os Águias do Príncipe Real", que, em poucas semanas, conseguiu um número impressionante de sócios e de equipas de futebol. Se quiseres dar ao pé, já sabes... Também o CALPAL - Comité de Apoio às Lutas dos Povos da América Latina - se encontra instalado na nossa sede.

Finalmente, a sede da revista "RESPOSTA" cujo impacto na opini-

A título documental e só para abrir o apetite, alguns excertos de uma das comunicações, apre sentadas pela organização do Encontro, sobre "Produção e Divulgação Cultural - Estruturas Alternativas": "Pensar a cultura, como campo de luta de classe, não é original. Pelo menos, assim parece. Já não será tão claro se formos a ver, de perto, as implicações que isso tem na nossa época e na nossa sociedade, em que a distância que vai do acto criativo de um autor até à recepção da obra pelo público, é fortemente condicionada pelas estruturas de difusão e produção que dominam o mercado. A importância dos "mass-media", hegemonzados pelas classes sociais no poder, é determinante. A radicalização, maior ou menor, dos conflitos sociais reflecte-se na produção cultural - e vice-versa - e, assim, vai sempre variando a "margem de manobra" que os poderes (públicos ou privados) vão deixando às produções culturais que pretendem contestá-los.

Nas últimas décadas, assistimos a um crescente movimento de autonomização das produções culturais, no chamado "mundo ocidental", sobretudo a partir dos EUA e da Inglaterra, movimento que se acentuou, na Europa, a partir do Maio 68, e, em Portugal, a partir do 25 de Abril de 74. O mesmo se poderá dizer, embora em escala muito menor, sobre a distribuição e/ou divulgação cultural.



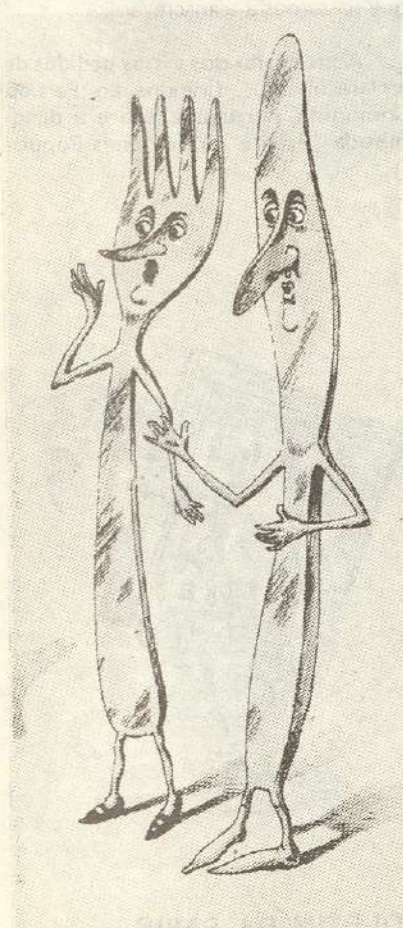
ão pública continua a somar, apesar de ter ainda apenas dois números, localiza-se (e ainda há espaço para mais) também na Av. Alexandre Herculano, 55.

Decorre ainda, neste momento (10 e 11 de Junho) o I Encontro Nacional da FAPIR, cujos temas essenciais se encontram divididos em 4 pontos: 1. Intervenção comunitária - animação socio-cultural; 2. Formação e comunicação; 3. Produção e Divulgação Cultural - Estruturas alternativas; 4. Animação desportiva.

Com este Encontro, pretende a FAPIR juntar forças que têm actuado de forma dispersa e desorganizada, no Campo Cultural. Por sua vez, o confronto de experiências e o debate de linhas de orientação deverão possibilitar a estruturação e organização mínimas, que consolidem e alarguem a capacidade de intervenção da FAPIR.

## GAITEIRO E TAMBORILEIRO PRECISAM-SE

Precisamos de um gaiteiro e de um tamborileiro que, entre Setembro e Dezembro, estejam disponíveis para acompanhar a digressão (Évora, Coimbra, Figueira da Foz, Faro, Porto, Viseu, etc...) do espectáculo "O Fatalista", de Diderot. Trata-se, naturalmente, de um trabalho remunerado. Podes contactar-nos para 881047 (Leonor Pinhão) e 793997 (Osório Mateus).



Os amigos da Júlia



# fapir informa



## VEM AO ENCONTRO NACIONAL E TRAZ CONTIGO A ALEGRIA!

Seria tempo de tentarmos, a partir de múltiplas experiências concretas, analisar os dados da questão: serão possíveis uma contraprodução e uma contradifusão cultural, hoje e aqui? E, sendo possíveis, serão desejáveis?

Na prática, encontraremos, por certo, grandes diferenças de umas experiências — e sobretudo de uns sectores artísticos para os outros. Produzir um disco não é o mesmo que produzir um filme ou um livro. Divulgar um espectáculo teatral difere em muito de distribuir um disco, um livro ou um filme.

Porquê, então, levantar a questão deste modo? Será realmente possível e desejável globalizar processos de produção e distribuição, em vez de defender a proliferação de experiências diversificadas, descontínuas e não forçosamente solidárias?

No fundo, o problema é político e ideológico — e depressa nos remeteria para um debate profundo, mas provavelmente dispersivo e improfícuo, sobre se... a Frente Cultural (a tal) é possível ou não! Propomos que se evite, de momento, este género de engulho, e assumo o risco de parecer praticistas e/ou idealistas. O risco é, mesmo, só "parecer" isso, porque nós pensamos que a luta por estruturas



NA LIVRARIA DA FAPIR  
VAI HAVER ARTESANATO

alternativas de contra-cultura é, precisamente, um dos caminhos que tornarão possíveis esses debates de fundo. De que nos serviria, por exemplo, alinhar grandes argumentações sobre as implicações ideológicas de uma editora unificada de discos ou de uma grande distribuidora cultural unificada, se não abordássemos, de entrada, o simples problema da sua viabilidade material?

Para discutir uma política de meios culturais, há que saber quais os meios culturais de que se dispõe... Portanto, e de momento, atenhamo-nos — se possível — a questões mais concretas.

— Andamos, ou não, nós os artistas, os editores e produtores, os animadores socio-culturais, os distribuidores militantes, a sentir que nos deveríamos juntar?

— Esse sentimento é, ou não, uma consequência de sentirmos que, por certo, temos os mesmos inimigos e queremos servir a cultura popular?

— Vale, ou não vale, a pena tentar experiências, mais ou menos globais, mais ou menos sectoriais, que viabilizem um projecto de Frente Cultural progressista, ao nível da produção e distribuição?

— Podemos, ou não, nós e o povo português ganhar com isso?

Se de um modo significativo, estas perguntas vos merecem respostas positivas, então vale a pena arregaçar as mangas e metermo-nos ao trabalho.

Há sectores em que a possibilidade desse avançar é mais fácil e imediata que noutros. Além disso, só a diversidade de experiências nos permitirá chegar a conclusões (ou não) sobre isso."

Para além do Encontro, decorrerão também, durante este mês (Junho), nos fins-de-semana e vésperas dos Santos Populares, no jardim da nossa sede, bailes e arraiais, com barracas de tiro e comes-e-sebes, tudo acompanhado ao som de "artísticas" (isto, sem qualquer ofensa, naturalmente!

Ah, e já nos esquecíamos, a FAPIR — Frente dos Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários, encontra-se, FINALMENTE, (já não era sem tempo!), devidamente legalizada, com selos e papéis selados e tudo.

A propósito ainda da sede, algumas palavras, publicadas num semanário, proferidas por Domingos Morais, em nome do Secretariado Nacional: "A sede é mais um espaço ao serviço da cultura popular, que terá que ser um local aberto a todos os que, sendo ou não da FAPIR, nos procuram. Um local que tenha uma utilização comunitária, ao serviço dos moradores, grupos de trabalho cultural, comissões de trabalhadores, e outras, que lutam pela libertação do nosso povo. E ainda, a necessidade de estimular a criação ou desenvolvimento de Associações Culturais e colectividades, tão importantes para a implantação de uma entreeajuda e cooperação que, respondendo às necessidades de convívio, encontro e trabalho colectivo, combatam, no dia-a-dia, a vida alinante que nos propõe esta sociedade".

Por outro lado — e ainda antes do último 25 de Abril — a DORL — Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP — Partido Comunista Português, emitiu, a propósito da FAPIR, um comunicado, que rezava, mais ou menos assim, pelo menos conforme é referido por um matutino que passamos a transcrever:

"A propósito dos vários pedidos de esclarecimento, dirigidos ao Partido Comunista Português, sobre a denominada 'Frente dos Artistas Popula-



BOLETIM DA FAPIR  
O BOLETIM QUE MORDE!



# fapir informa

res, Intelectuais e Revolucionários – FAPIR' A Direcção da Organização Regional de Lisboa (DORL) daquele partido emitiu, ontem, um comunicado, no qual se afirma ser 'alheio àquela organização e a quaisquer actividades e iniciativas suas, declaradas ou encobertas'.

'A FAPIR – acrescenta – é uma organização, que se pretende apresentar como unitária e apartidária, mas que teve como fundamental actividade o apoio dos GDUPs e ao MUP otelista, conforme, aliás, reconhece no seus próprios 'estatutos' e 'plano de acção imediata'.

Conclui o comunicado: 'Periodicamente, sai da sua letargia, para desenvolver iniciativas propagandísticas de apoio e cobertura aos grupos esquerdistas, quando estes reactivam a sua acção divisionista, aventureira e de confusão. É isso, precisamente o que

se tem verificado, nos últimos tempos, quer usando a sigla, quer disfarçando-se atrás de comissões organizadoras ou comissões promotoras, anónimas, ad hoc, forjadas e de nomes de pessoas que nada tendo a ver com a FAPIR, foram por ela eventualmente enganadas com expedientes vários".

Entretanto a FAPIR, em resposta, emitiu, também, um comunicado que, igualmente, se transcreve:

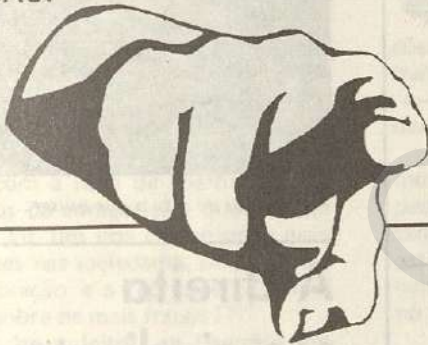
"1. Um partido político emitiu recentemente um comunicado de 'esclarecimento' sobre o que é a Frente de Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários – FAPIR. Como algumas das afirmações desse comunicado não correspondem à verdade dos factos, a FAPIR passa a expor o que é e o que pretende.

"2. Não é verdade que nos estatutos da FAPIR esteja expresso o apoio aos GDUPs e ao MUP. É verdade que, em plenário da FAPIR, numa dada altura histórica, foi decidido, como 'plano de acção imediata', o apoio à campanha presidencial de Otelo Saraiva de Carvalho. Os 'planos de acção imediata' são alteráveis e transformáveis em plenários de associações abertas e democráticas, como parece bizantino fazer lembrar.

"3. Não é verdade que a FAPIR tenha actividades encobertas ou que se disfarce atrás de 'comissões organizadoras' ou 'comissões promotoras' anónimas e forjadas.

É verdade que em todas as suas realizações ou iniciativas se apresentou claramente (como a propaganda o demonstrou sempre, de forma inequívoca). É verdade que as comissões organizadoras, que se criaram por inicia-

SE QUER SER CORRESPONDENTE DO BOLETIM DA FAPIR, ESCREVA-NOS, DIZENDO O SEU NOME, MORADA E TELEFONE E ENVIANDO-NOS UM PRIMEIRO TEXTO DE COLABORAÇÃO.



**TOMAR** – No dia 30 de Abril, promovida por uma Comissão Sindical, realizou-se em Tomar uma festa, integrada nas comemorações do 1º de Maio, no salão dos Bombeiros.

Na festa participou o grupo de teatro de Seíça, que apresentou uma peça de cerca de 35 minutos, com o título "O Rei morreu". A peça, dinamizada por um aderente da FAPIR de Tomar, conta a história de um condado onde um rei, muito guloso, mama os impostos de quem trabalha. Depois o rei morreu (ou mataram-no) e fica o príncipe a chupar do mesmo cacho. A peça foi bem acompanhada pelos trabalhadores presentes.

Actuou também um grupo de canções e poesias. O grupo formou-se às três pancadas, mas provou que a semente é boa ( ou não constasse do seu elenco uma autoridade musical).

Actuaram ainda: O Gruta, que apresentou quadras de apelo à unidade entre todas as províncias e ainda de António Aleixo; o Rancho Folclórico da Pedreira e Minjoelho que dançou até cansar as pernas.

De salientar que, pela primeira vez, actuaram conjuntamente vários grupos locais, o que é, de facto, um sinal de união de esforços em prol do desenvolvimento cultural da nossa região, que importa ressaltar.

Do nosso correspondente  
de Tomar  
Mário dos Santos Cobra.

## ANÚNCIOS GRATUITOS

Um serviço à disposição dos leitores do Boletim. Para trocas de colaboração, em todos os domínios de âmbito cultural. Intuítos comerciais são alheios a este espaço.

FAPIR – anúncios gratuitos  
Rua Alexandre Herculano, 55 – Lx 2

nome \_\_\_\_\_

morada \_\_\_\_\_

texto \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

QUEM É QUE PAGINA AS PÁGINAS DEIXANDO FORMAS TRIANGULARES POR PREENCHER? HÃ?



Quer ser ADERENTE da FAPIR? Apenas precisa de preencher esta ficha.  
Depois, entraremos em contacto consigo.  
Nome .....  
Morada .....  
Localidade .....  
Actividades a que se dedica .....  
Recorte, meta numa carta, com um selo de 5\$00 e envie para: Av. Alexandre Herculano, 55, Lisboa 2.



# fapir informa

tiva da FAPIR, foram constituídas em reuniões abertas.

"4. A FAPIR não aceita que se passe um atestado de inferioridade mental ou política aos artistas e intelectuais que com ela têm colaborado, em elevado espírito de lealdade e unidade.

A FAPIR não acredita que pessoas de elevada craveira intelectual e artística possam ser 'enganadas com expedientes vários', como esse comunicado afirma.

Ao acaso, citamos alguns nomes que têm colaborado nessas realizações: Augusto Boal, Assis Pacheco, Pitum, Carlos do Carmo, Luís Cília, Armando Caldas, Barata Moura, Alfredo Vieira de Sousa, José Fanha, Mário Viegas, Shila, Sérgio Godinho,

José Afonso, José Mário Branco, Raul Calado, GAC, O Bando, A Barraca, a Comuna, a Cornucópia, os Cômicos, os Saltitões, etc. Todas estas pessoas e muitas outras, que não se citam, sabem perfeitamente (e desde há muito tempo) o que é a luta antifascista e por isso participaram nestas iniciativas.

"5. A FAPIR declara que continuará no caminho que se comprometeu a trilhar, independentemente dos obstáculos que poderão aparecer por incompreensões ou sectarismos.

Esse projecto é o da unidade antifascista mais ampla, ao serviço da luta do nosso povo.

Essa é a batalha que a FAPIR continuará a travar, sem desfalecimentos."

Para acabar: as quotas, quaisquer quotas, são para serem pagas. Se não, não eram quotas. As da FAPIR, também estão a pagamento, agora, numa surpreendente e inusitada campanha, cujos resultados daremos conta no próximo número. Paga também tu, as

quotas; enviando, se quiser receber em casa o cartão de aderente, uma foto e um selo de 5\$00.

Ainda não é desta, a sede, ainda: tens, de certeza, basta procurar um bocadinho, uma data de coisas, em

é que vai ser um ver se te avias! Tudo o que for velho ou novo, coisas que não sirvam para nada ou que sirvam para tudo, eu sei lá, almofadas, livros, jornais, revistas...



Pode trazer de casa o que quiser...



quotas que deves à FAPIR e aproveita a ocasião, se ainda o não fizeste, para levantar, na sede, o teu cartão de aderente. Para esse efeito, precisarás apenas de levar contigo uma fotografia. Tanto uma coisa como outra, pode também ser tratada pelo correio. Por vale do correio, para o pagamento das

casas, perfeitamente horríveis e/ou que não te servem para nada. E, na sede, nem imaginas, faziam um tal geitão. Experimenta, já agora, (só para ver) e descobre, com os teus olhos, o que são as coisas! Ou então, se ainda vives em casa dos teus pais, o que acontece a muito boa gente, ainda melhor, isso

## A direita e o sindicato

Continuação da pág. 6

seus associados, durante este tempo, é extensiva, da direita à esquerda.

Enquanto isto, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, tem, como projectos, o início da negociação do CCT (a sua primeira e primária grande tarefa) e pensa na antecipação de eleições para Setembro, no intuito de evitar a formulação do paralelo. Ao que consta, na defesa de uma lista de unidade.

Posição correcta ou remendo?

A ausência da facção direita às discussões sindicais será tão fácil de explicar, quanto difícil se tornará a mesma explicação, para os sectores de esquerda, também arredados.

A estas e outras inúmeras questões, daqui apelamos ao sentido interventivo dos homens da FAPIR e não só, para início de discussão nestas páginas.

Como comunicaremos que a Luta Continua, se em casa de ferreiro, espeto de pau?



## A ORGANIZAÇÃO DO QUADRO COMPETITIVO-1

por Tomás Taveira\*

Dá o "Boletim da FAPIR" acolhimento a uma página onde, de uma forma sistemática, se pensa fazer a abordagem de temas relacionados com a Cultura Física e os Desportos.

Tal facto, permite-nos pressupor que a FAPIR entende:

— Ser o Desporto uma prática cultural determinante, a par de outras, para a valorização de uma comunidade, bem como para a tomada de consciência das suas necessidades e dos seus direitos, e como tal, susceptível de legítima apropriação pelas populações;

— Ser a prática desportiva uma forma de expressão da iniciativa popular, na luta pela democracia social e cultural, e, portanto, liberta das concepções conformista, alienante, elitista, comercial e tecnocrática, características do fascismo e do capitalismo;

— Ser a Cultura Física e Desportiva um estímulo ao espírito crítico e ao poder criativo das populações, mobilizador da sua participação activa, na resolução dos problemas que lhes são específicos e daqueles que, por interdependência, venha a suscitar, tais como o ensino, o saneamento básico, o equipamento social, etc.;

— Ser tal prática um direito inalienável do povo português alcançado com o 25 de Abril de 1974 e consignado no Art. 79 da Constituição.

### OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

1. Uma questão que o leitor poderá colocar é a seguinte:

— "Então, não será uma contradição com a nota de abertura, virem falar-nos de competição, quando esta parece ser um dos mecanismos mais evidentes nas sociedades, onde impera a exploração e a repressão dos mais fortes sobre os mais fracos!?"

Pois bem, leitor, se fizermos um esforço para aprofundar a análise da questão, que, decerto, acabaria com a desmistificação de algumas concepções idealistas e pseudo-progre-sistas acerca da competição desportiva, um dos primeiros dados dessa análise seria o de que tais mecanismos, que opõem os ditos "mais fortes" aos "mais fracos" funcionam, de uma forma desigual e com armas que pesam decisivamente a favor daqueles que são uma minoria privilegiada. Não nos esqueçamos das situações favoráveis de acesso à instrução, à alimentação, à saúde, ao tempo livre, etc..., do poder económico, e do controle exercido sobre o aparelho judicial, policial e administrativo.

Ora, embora, infelizmente, nalguns casos, o desporto não ande muito distante, destas situações, não é este tipo de confronto sem justiça que, aqui, temos oportunidade de abordar. Trata-se da competição desportiva, que, no essencial:

— Se faz, por princípio, com regras iguais para quem compete;

— Dá resposta positiva a motivações psicológicas e fisiológicas do ser humano;

— Faz parte da própria essência do desporto;

— Se concebe, necessariamente, como factor de permanente intervenção pedagógica, directa ou indirecta. Portanto, em oposição aos exemplos negativos da sua aplicação, os quais acabam por justificar a questão forjada, no início.

2. Por outro lado, e sem prejudicar o debate desta e doutras questões de fundo, noutro espaço e noutro momento, esclarece-se que esta página terá, como objectivo, contribuir com ideias e sugestões práticas, a aproveitar e a transformar, de acordo com as circunstâncias e situações reais, por parte de tantos militantes culturais e pequenas colectividades, nas iniciativas que se proponham realizar.

Não é, pois, este, um espaço de reflexão teórico. Pretende-se, apenas, que sirva de instrumento didáctico às pessoas, com vontade de realizar algo de concreto e que não tenham uma formação especializada nestes assuntos.

3. Por último, a prioridade dada a este tema justifica-se, de algum modo, pela intenção de colocar os militantes culturais ao abrigo das críticas que se lhes dirigem, quanto à sua capacidade de organização. E quanto a isto, são bem zelosos os seus detractores.

Sendo assim, o assunto será retomado em números posteriores até satisfatória conclusão, para então se entrar noutros, que poderão ser, desde já, sugeridos através de contacto (de preferência escrito) com a equipa responsável pelo "Boletim".

### A — OS TORNEIOS DE PONTUAÇÃO

#### 1. — Características

Podem ser considerados como o tipo de prova mais capaz de proporcionar uma classificação final justa, já que:

1.1. — Permitem a todos os participantes a realização do mesmo número de jogos, independentemente das suas capacidades, à partida;

1.2. — Obrigam cada participante a defrontar-se com todos os outros. Ou seja: todos jogam com todos.

#### 2. — Vantagens

Além dos aspectos abordados no ponto anterior que, por si, já constituem factores positivos, há a acrescentar o facto de desde o início da competição:

2.1. — Ser possível a qualquer concorrente referenciar, no tempo, os seus opositores, e, assim, programar medidas técnicas, táticas e outras que se adequem às circunstâncias previstas;

2.2. — A decisão final depender de contingências imprevisíveis que ultrapassem os confrontos directos de cada equipa, facto que, proporcionando uma maior diversidade de situações, coloca quase permanentemente a participação de cada um na dependência de todos os outros.

#### 3. — Desvantagens

É o sistema que obriga à realização de maior número de jogos no caso de se fazer a uma volta.

Portanto:

3.1. — Ou se têm recintos e estruturas materiais (bolas, redes, etc.) ou humanas (árbitros, juizes, marcadores, etc.) que permitam a sua reali-

\* Professor de Educação Física e animador desportivo.



# desporto - animação

zação, em curto espaço de tempo (acampamentos, festas populares, convívios, etc.)

3.2. — Ou, caso contrário, a prova terá de prolongar-se, sendo nestas circunstâncias mais adequada a torneios internos de pequenas colectividades, bem como entre organizações geograficamente próximas, se atendermos a problemas com despesas de deslocação.

4. — Aspectos operacionais e organizativos

4.1. — O número de jornadas

Sendo a uma volta, o número de jornadas é igual ao número de equipas participantes, se este for ímpar, ou ao seu número menos 1, se este for par.

Exemplo:

— para 5 equipas = 5 jornadas

— para 6 equipas = 6-1 = 5 jornadas

4.2. — O número de jogos por torneio (a uma volta)

A fórmula que nos permite este cálculo, é a seguinte:

4.3. — A elaboração do calendário de jogos

O procedimento mais usual para este efeito é o chamado "método rotativo", que, depois de uma ordenação emparelhadas das equipas, consiste em manter uma delas fixa e em fazer rodar as restantes, no mesmo sentido, até se obter a disposição inicial.

Exemplos:

— para um número par de equipas (6)

mantendo-se fixa a equipa nº 1 e fazendo rodar as outras no sentido das setas.

— para um número ímpar das equipas (5)

marca-se no local da equipa, que, no caso anterior, era fixa, a palavra "isento" e procede-se de modo idêntico.

4.4. — Afixação e divulgação do calendário

Este aspecto é de particular importância para o êxito destas iniciativas. Assim, devem ser colocados calendários bem visíveis em locais públicos (bares, átrios, salas e locais de convívio, etc.) devidamente preenchidos e actualizados, bem como a distribuição de cópias aos participantes.

4.5. — Diagrama de resultados

A afixação dos resultados de uma equipa, no diagrama, faz-se horizontalmente em relação ao seu opositor, que se procura no sentido vertical.

Por exemplo:

No torneio de voleibol "Os Coxinhos" venceram "Os Bochechas", por 3 a 1, sendo a vitória equivalente a 2 pontos e a derrota a 1 ponto.

**Nº de jogos =  $\frac{N \times (N - 1)}{2}$**

sendo N o número de equipas participantes.

Exemplo:  
para 6 equipas =  $\frac{6 \times (6 - 1)}{2} = \frac{6 \times 5}{2} = \frac{30}{2} = 15$  jogos

1ª jorn. <sup>a</sup>	2ª jorn. <sup>a</sup>	3ª jorn. <sup>a</sup>	4ª jorn. <sup>a</sup>	5ª jorn. <sup>a</sup>
1 c/ 2↑ 6 c/ 3↑ 5 c/ 4↑	1 c/ 3↑ 2 c/ 4↑ 6 c/ 5↑	1 c/ 4↑ 3 c/ 5↑ 2 c/ 6↑	1 c/ 5↑ 4 c/ 6↑ 3 c/ 2↑	1 c/ 6↑ 5 c/ 2↑ 4 c/ 3↑

1ª jorn. <sup>a</sup>	2ª jorn. <sup>a</sup>	3ª jorn. <sup>a</sup>	4ª jorn. <sup>a</sup>	5ª jorn. <sup>a</sup>
isento 1↑ 4 c/ 2↑ 3 c/ 5↑	isento 2↑ 1 c/ 3↑ 5 c/ 4↑	isento 3↑ 2 c/ 4↑ 1 c/ 5↑	isento 4↑ 3 c/ 5↑ 2 c/ 1↑	isento 5↑ 4 c/ 1↑ 3 c/ 2↑

TORNEIO DE:		DIA	HORA	ÁRBITROS	RECINTO	BALNEÁRIOS	OBSERVAÇÕES
PARTIDA (Designação das equipas)							
....com....							
....com....							
....com....							
....com....							
....com....							
....com....							

DESIGNAÇÃO DAS EQUIPAS	Nº	1	2	3	4	5	6	TOTAL DE PONTOS	CLASSIFI. actual/final
"OS GORDOS"	1	■							
"OS MAGROS"	2		■						
"OS BOCHECHAS"	3			■					
"PENCUDOS"	4				■				
"COXINHOS"	5					■			
"OS CARECAS"	6						■		









**NÃO QUEREMOS CÁ O TOMÁS!**





**NÃO QUEREMOS CÁ O TOMÁS!**